

Campus

Intransigência do MEC leva funcionário à greve

Foto: César Mendes

Mais um semestre letivo está ameaçado na UnB. Por força da intransigência do MEC na negociação do Plano de Cargos e Salários, os funcionários estão em greve desde o dia 7 de julho. E os professores poderão parar também (Página 3)



Susana Dobal



Lixão, o ganha-pão de cada dia

(Pág. 10)

A moda é:
(a) brega
(b) chic
(c) ambos
(d) n.d.a.
(Págs. 6 e 7)



O Lobo chique e o Cigano brega

(Pág. 8)

COVAS

No intervalo de suas inúmeras reuniões, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, concedeu uma entrevista exclusiva ao **Campus**. Direto, condena a aplicação da LSN aos manifestantes do Rio de Janeiro, prevê a reformulação partidária que atingirá o seu partido e condena a possibilidade de um golpe. Em sua avaliação, a futura Constituição representará a média dos constituintes. **Leia na página 12.**

Os verdes estão de volta. Não, não me refiro ao avanço dos partidos ecológicos na Europa. Estou falando, por mais ridículo que isso possa parecer, da já indistigável inquietação da cúpula militar brasileira diante de acontecimentos recentes. Basta abrir os jornais ou ligar a TV para ser agredido por declarações codificadas e ameaças veladas. E, por mais que queiramos negar, para nossa vergonha e desespero, deparamos com um País ainda tutelado pela farda e frágil à voz das baionetas. Para quem costuma aprender com os erros e tirar lições da história, soa grotesco esse recrudescimento ainda no campo do verbo. A pilhagem a que o País foi submetido, os escândalos financeiros, a corrupção generalizada, os crimes contra os direitos humanos, a censura, a institucionalização do medo, nada parece

sensibilizar a truculência cega de certos soldados errantes. Os ministros militares se pronunciaram contra a estabilidade no emprego, a jornada semanal de 40 horas e a anistia aos militares cassados pelos atos institucionais. Isto é, criticam com intenções obscuras, vestidos de conselheiros de ocasião, decisões preliminares da Assembléia Nacional Constituinte. Agora, valendo-se da condenável agressão ao presidente da República, querem resgatar um dos mais abomináveis instrumentos do arbítrio, a Lei de Segurança Nacional, amparados em muletas jurídicas bem conhecidas. É preciso acabar de vez com essa fobia. Não podemos ficar vendendo gerações a esses mercadores que acampam em nossa história. Cabe a todos amadurecer nas convicções democráticas, para que amanhã não cruzemos com um urutu no caminho de casa.



Qual é a do Rock?

Militão Ricardo

E o tempo passou e a tal estória de "Brasília Capital do Rock" já não é nenhuma novidade. E o que acontece por aqui? As ditas "grandes bandas" hoje assim são em nível nacional (assim parece...), espalhando por todo o País a idéia que o Rock de Brasília tem um estilo muito definido a partir das bandas inglesas dos períodos Punk e Pós-Punk (Arhgl esses rótulos...) com forte cunho político. Interessante observar que a tal "explosão do rock na cidade" só ocorreu quando nossos heróis apareceram no Globo de Ouro, nas FMs e nas revistas Amiga da vida. Vejamos então algumas observações:

1 — O que se encontra hoje em Brasília é uma enorme quantidade de bandinhas de garagem apenas copiando um padrão estabelecido, seguindo uma moda do momento, como aqui já tivemos o Skate, o Wind-Surf, os patins, bicicross, discoteque, etc, como uma boa cidadezinha interiorana, que é o que somos na verdade. Pouquíssima gente faz uma opção pensada ou evoluída (mas aí eu já estou sendo muito rançoso, né?).

2 — Pouca gente percebe que a força de Brasília está na diversidade de trabalhos que aparecem nestas plagas. No Rock, na música em geral e em todas as artes. Nós temos Cláudio Santoro, Paletó e Gravata, Invoquei o Vocal, Artimanha e muito mais!

3 — No Rock de Brasília sempre houve diversas tendências e sonoridade muito distintas e é aí que reside a força do Rock de Brasília! O 'Nexo' habita a fronteira entre o Rock e o Jazz-MPB. 'Os Culpados' evoluíram o Rock Progressivo. O 'Liberdade Condicional' explora o Jazz-Rock, o 'Pânico' mistura Punk com Robert Fripp. 'Os Rochas' estão revisando o Rock and Roll e o Soul, o 'Obina Shok' trouxe música africana, etc, etc, etc. E tem mais coisa vindo por aí. Agora é imperativo separar o joio do trigo!

4 — Mas como separar o joio do trigo? A juventude de hoje sofre de um terrível mal chamado ignorância e a falta de capacidade intelectual, causado por uma polícia educacional desastrosa (já estou sendo chato de novo, né?). Mas, infelizmente, o reflexo condicionado está prevalecendo sobre o raciocínio, mas isso é outro papo.

5 — Interessante notar como alguns grupos de Brasília que se proclamavam "a vanguarda do Rock" em atitudes tipo "blasé", "underground", viraram estrelas POP, bem comerciais, no melhor estilo Duran Duran/Culture Club... Demora mais tempo, mas fatalmente o talento se sobrepõe ao oportunismo. Vamos ter encantadoras surpresas! Carreiras longas e sólidas e carreiras curtas e inúteis. Canastrões, falsas estrelas e oportunistas sumirão na poeira do tempo. Os diamantes são eternos. O tempo vai nos mostrar. P.S. Deve ser ressaltado o bom exemplo do Plebe Rude, que com seriedade, humildade e muito trabalho está aos poucos conquistando merecidamente seu lugar duradouro ao Sol. Por hoje é só, pessoal.

Quem sabe faz a hora

Andréa Quintiere

Enquanto as rádios continuam transmitindo um verdadeiro "Febeapá" no mais belo estilo de padronização e incompetência generalizada, os estudantes da UnB tentam articular um movimento para conseguir o seu canal de FM, que vem sendo disputado pelo poderoso adversário de codinome GDF. E tudo começou quando as más línguas anunciaram que o dito canal havia sido entregue, de bandeja, ao GDF.

Esta disputa UnB x GDF, por si só ridícula, torna-se ainda mais tragicômica pelo fato de que a universidade tem direito a um canal de rádio, e já está, inclusive, com um bom projeto nas mãos. Ao passo que o GDF não sabe nem o que fazer com esta "nova onda federal da Capital". Incongruências... E como nesta terra os direitos nem sempre são tão direitos assim, há que se gastar muita saliva para tentar iluminar o pensamento dos nossos luminares governantes sobre o absurdo desta questão.

A Universidade, a princípio, funciona como um centro de pesquisa, conhecimento e questionamento. É um centro formador de "cabeças pensantes", e procura estimular uma visão crítica apurada. A partir do momento em que a Rádio UnB se dispôs a fazer uma programação inovadora, buscando interpretações e análises mais profundas sobre os acontecimentos, semeando nos ouvintes o poder de pensar, e se mostrou, ainda, desvinculada de interesses, o Governo deve ter ligado as suas antenas. Esta proposta representa perigo para os "luminares" na medida em que a liberdade real de informação e, principalmente, a liberdade de expressar "livres opiniões" não interessam ao Governo. Interessa menos ainda o que o povo comece a pensar. E preciso que ele continue nas trevas, absorvendo a velha e tradicional política do pão e circo...

Até mesmo uma ameba perceberia o jogo que está implícito nesta questão. E a Universidade, em vista do jogo sujo praticado pelo adversário, resolveu aumentar o volume e lançou o Movimento Pró-Rádio. Dançando, recitando e cantando por um canal, que serviria como um importante elo de ligação com a comunidade, o Movimento usa as armas disponíveis para mobilizar os alunos e reivindicar seus direitos. Enquanto isso, o Ministério das Comunicações, vejamos só que ironia, não se comunica, e continua calado sobre esta questão.

Em plena Nova República (!?), há quem ainda sonhe com desenvolvimento. Mas como almejar um crescimento efetivo se o povo continua sendo privado de informações, se ainda existe no ar um ranço de censura, se os pés se atolam no mar de lama de uma crise econômica e política, se projetos como a Rádio UnB são boicotados? Que tipo de desenvolvimento se espera de um Governo que manipula o povo com seus longos tentáculos? Mais que nunca, talvez tenha chegado a hora de "preparar a nossa invasão/e fazer justiça com as próprias mãos./ Dinamitar um paiol de bobagens"...

Falta de respeito e memória. Onde vamos?

Nilva Rios

Mais uma vez fica constatado que esse é um país de memória extremamente curta. Na época da campanha das Diretas-já e depois com a posse da Nova República, todos queriam acabar com o chamado entulho autoritário. Revogar leis anacrônicas criadas no período da ditadura militar, como a Lei de Segurança Nacional (LSN), a Lei de Imprensa, o Decreto-Lei...

Durante a Nova República, já assistimos à recuperação do Decreto-Lei (todos os pacotes eco-

nômicos foram publicados sob seu amparo) e mais recentemente da Lei de Segurança Nacional, para culpar os responsáveis pela agitação no Rio de Janeiro.

O "badernaço" ou atentado ao Presidente da República, ocorrido no Rio, vem mostrar que o Governo está cada vez mais impopular e o povo cada vez mais desesperado. Em São Paulo, o nível de desemprego aumenta a cada dia e os empregados das montadoras de automóveis estão vivendo sob tanta pressão psicológica que o médico do sindicato dos metalúrgicos já constata doenças psicossomáticas entre muitos empregados das empresas, devido ao medo de acordarem e não terem mais o emprego com o qual mantém a família.

Respeitar a pessoa do Presidente da República é importante, mas os direitos de qualquer pessoa também devem ser respeitados e, sobretudo, garantidos, como salários dignos, boa alimentação e, principalmente, uma educação melhor do que a que está aí, pois só elevando o nível de ensino, desde o primeiro ano primário até a universidade, que esse País irá ter quadros capacitados e se desenvolver.



O pequeno grande Brasil

Valéria Cristina Castanho

Parece que Marx tinha mesmo razão quando dizia que o despotismo é a essência de todo Governo e que atrás do poder sempre há um déspota. Segundo esse notório filósofo do século XIX, a melhor forma de Governo seria acabar com o Estado... pois caso contrário, ele acabaria conosco.

Toda essa filosofia nos leva a refletir sobre um pequeno País da América Latina chamado Brasil. Vocês já ouviram falar neste País? É o País da "La Cucaracha" segundo os americanos. Não conhecem? É o País da Norte-Sul e do erro de 1 bilhão e 200 mil dólares na balança Comercial? Ah, agora começou a clarear...

Pois bem, a última é o novo Plano Econômico do Governo. Tanta persistência heterodoxa em manter este plano está fazendo do Brasil uma nova Coreia do Sul. O Cruzado III já começou sem cabeça, surgindo da noite pro dia, onde o congelamento foi decretado depois de ter-se, of course, aumentado as tarifas que encham os cofres do Governo. Depois disso, bastou um longo final de semana e a falta de uma tabela, que só viria a aparecer duas semanas depois, para que o comércio majorasse todos os seus preços. O brasileiro até que tentou denunciar, mas a Sunab não estava em casa naquele final de semana. Então, não venham pedir agora que sejamos fiscais do Sarney e que ajudemos a alimentar mais ainda a inadiplência do Governo perante os seus súditos.

O que queremos do nosso jornal-laboratório

Ana Helena Rossi

O Campus é um jornal-laboratório. Nós, alunos de jornalismo, temos consciência e compreendemos o significado de tal afirmativa? No fundo o que queremos dizer e entender quando nos referimos ao Campus como jornal-laboratório? É um espaço de criação, de ousadia, de abertura de horizontes, de brincadeiras?

A nossa prática cotidiana esclarece alguns pontos. De um lado, passamos por uma crise de criatividade bastante séria: não temos mais tesão em acompanhar o jornal após a entrega das matérias. A edição fica por conta do editor. Mas, como a maioria dos alunos ainda não assumiu tal função, então, a tarefa recai sobre os ombros de alguns alunos e professores que, às vezes, vibram mais com o jornal do que nós, alunos... O que está acontecendo? Será que o tesão acabou e o Campus virou rotina? Ficou chato? Desinteressante?

Temos medo de ousar, dar asas à imaginação, quebrar as amarras e produzir um jornal que nos amarre e nos cativa, reconhecendo-nos nele. Hoje, isso não acontece. A curiosidade inicial gerada pela expectativa da chegada do jornal da gráfica se esvai rapidamente. Na reunião de avaliação, quando nos reunimos, algumas pessoas levantam um aspecto ou

outro, não questionamos a totalidade do trabalho.

Assumir o Campus? De fato, é difícil. Requer tempo, disposição e dedicação. E, acima de tudo, interesse. Assumir o Campus não se reduz a cumprir a pauta rigorosamente. Claro que é pressuposto básico na existência de qualquer jornal. Mas se reduz a isso. Assumir o Campus significa discutirmos qual o jornal-laboratório que queremos. Para que queremos? É um espaço com objetivo de nos prepararmos com vistas ao ingresso no mercado de trabalho? Ou pode ser um espaço com potencial infinito de criação séria e coerente?

Caminhos existem para serem escolhidos. E, a trilha é sempre árdua e cansativa. Qualquer uma das escolhas pressupõe maturidade e certa visão de conjunto. Independentemente disso, no entanto, não podemos nunca perder a noção de que o Campus é um jornal-laboratório de uma universidade brasileira, localizada dentro de um certo contexto social. Lembrar essa estreita relação nos leva a indagar se cabe à Universidade fazer uma reflexão sobre a realidade e, a partir de uma interação dialética propor alternativas ou, então, copiar os modelos capengas e superados que conhecemos bem.



Cartas do leitor

Para melhorar e aperfeiçoar

Senhor Editor,

Foi com grande satisfação que tomei conhecimento do interesse do CAMPUS em divulgar e debater a PROPOSTA DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, ora em discussão e início de implementação nesta Universidade, razão por que concordei não apenas com a realização da entrevista, como forneci uma cópia do documento que resume a proposta.

A matéria, publicada à página 3 da edição relativa à 1ª quinzena de junho, contém duas imprecisões acerca da vinculação institucional da Comissão autora e coordenadora da Proposta, bem como acerca dos seus objetivos que não correspondem ao caráter da proposta e podem dificultar a sua viabilização. Por isso, torna-se indispensável e urgente oferecer alguns esclarecimentos.

Primeiramente, em relação aos objetivos da Proposta. O primeiro parágrafo da matéria publicada resume de forma breve, mas correta, o seu objetivo central, ao mencionar que "pretende fazer um balanço de tudo que influencia na qualidade das atividades desenvolvidas". No entanto, os dois terços restantes da matéria dedicam-se ao exame de uma questão que não faz parte — dos seus objetivos. A punição de professores por decorrência de mau desempenho não faz parte da estrutura da proposta em discussão. Atribuir-lhe este caráter é um duplo equívoco: a funcionalização do desempenho de funcionários, docentes ou administrativos, é competência dos departamentos e instâncias administrativas da instituição; a avaliação busca identificar fatores que favorecem ou prejudicam a qualidade do desenvolvimento das suas atividades acadêmicas. Trata-se, portanto, de reforçar o que está certo e corrigir a rota em relação ao que não está funcionando bem. Concluir que a punição é um dos objetivos da avaliação descaracteriza seu objetivo central de melhoria e aperfeiçoamento.

A Proposta de Avaliação Institucional da UnB, ora em discussão, busca elaborar e testar junto com professores, alunos e funcionários en-

volvidos na carreira ou departamento ou decanato a ser avaliado uma metodologia de avaliação, isto é, as dimensões, os critérios e os instrumentos de avaliação a serem usados. Portanto, propõe-se uma avaliação endógena ou auto-avaliação cuja legitimidade e pertinência é garantida por ser conduzida pelos próprios participantes do processo e, eventualmente, por avaliadores externos por eles indicados. Assim, como o processo de desenvolvimento da avaliação é público e transparente, também o serão seus resultados. As decisões adotadas em função dos resultados encontrados, são uma decisão coletiva de seus participantes e das instâncias institucionais responsáveis pelos destinos da instituição exatamente pelo caráter público do processo e porque os resultados pertencem aos indivíduos, aos departamentos e às instâncias superiores. Portanto punição ou premiação poderão ser resultados de um processo de avaliação apenas se seus participantes assim decidirem.

A Proposta de Avaliação, ora encaminhada, persegue objetivos muito mais importantes e interessantes que mera premiação-punição. Ela se propõe a ser muito mais que um questionário às vezes aplicado, às pressas e insuficientemente analisado ao final de apenas um semestre. Trata-se de tentar saber quais as características dos currículos das carreiras oferecidas pela UnB. Que tipo de cidadão e de profissional formam? Qual a contribuição da universidade para o desenvolvimento científico, artístico e cultural? Como as necessidades imediatas e futuras da sociedade (brasileira, brasileira, universal?) estão sendo (ou não) contempladas em nossas atividades docentes, de pesquisa, de extensão? Que se pode fazer para que o desempenho dos professores, dos alunos e dos funcionários seja mais eficiente e compatível com uma universidade dinâmica e comprometida com o desenvolvimento da ciência, da arte, da cultura, da tecnologia e com a melhoria das condições de vida da população?

Finalmente, quanto à vinculação institucional da Comissão autora e coordenadora dos trabalhos. A iniciativa da proposta foi dos professores que a coordenam, tendo o CEPE concordado

com o seu conteúdo e dado o apoio institucional necessário para facilitar seu encaminhamento às instâncias colegiadas da universidade. A Comissão coordenadora tem tido total autonomia para o encaminhamento do assunto, pois esta é uma das características básicas da proposta. Os trabalhos de avaliação têm sido e serão desenvolvidos, pelo menos na sua fase de testagem, da metodologia, pela Comissão coordenadora com o apoio do Cav/CADE que é um órgão do Decanato de Graduação. Um dos membros da Comissão é coordenador do Cav exatamente para garantir a integração e não-justaposição das atividades. A autonomia da Comissão é condição para a viabilização da proposta, conforme suas características, resumidas acima, de atividade independente da estrutura administrativa, descomprometida com os seus acertos e equívocos, buscando ser sensível às necessidades e peculiaridades das áreas do conhecimento, reforçando as atividades avaliativas já em andamento em diversos setores de instituição, aprendendo com elas o objetivo de disseminá-las no interior da instituição.

A Comissão de Avaliação Institucional tem ido, a convite, aos departamentos e unidades, para ouvir críticas, sugestões à sua proposta e para acompanhar e subsidiar o trabalho daqueles que estão empenhados em examinar suas atividades, para aperfeiçoá-las de acordo com seus objetivos científicos e sócio-políticos.

Deste modo, espera-se poder formular e testar uma sistemática de avaliação que tenha validade para a universidade como um todo e, ao mesmo tempo, contemple e respeite as peculiaridades de cada carreira, departamento, área de conhecimento. Após este período de elaboração e testagem, caberá à instituição, em suas diversas instâncias colegiadas, decidir acerca da validade e pertinência da institucionalização de uma sistemática de avaliação e utilização de seus resultados.

COORDENADORA DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL
Isaura Belloni

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação

Editor-Chefe: Ana Helena Rossi

Editores: Ceci Almeida (Cultura), Jaul Ramalho (UnB), Nilva Rios (Cidade) e Raquel Flores (Constituinte)
Repórteres: Aliene Coutinho, André Camargo, André Moraes, André Quintiere, Astrid Carvalho, Augusto Rodrigues, Cátia Abreu, Cláudia Prado, Delman Assis, Eumano Silva, Francisco de Paula Filho, Giselle Chassot, Giuliana Morrone, João Carlos Fontoura, Luiz Fernando Molina, Luiza Adriana Mouta, Márcia Binder, Marcus Vinícius B. Lopes, Marden Ferreira, Maria Thereza Ribeiro, Mário Celso de Araújo Tafari, Militão Ricardo, Paulo Cabral, Pedro Mansur, Paulo C. Coelho, Renato Afonso, Ricardo Miranda Filho, Roselle Amorim, Ruth Maria Martins Frota,

Susana Dobal, Telma Regina Pavarini, Valéria Cristina Castanho, Valéria Borges, Valéria Mendes.
Repórteres-Fotográficos: Allan Kardec Milhomens, César Mendes, João Carlos Fontoura, Marcus Vinícius B. Lopes e Susana Dobal.
Professores Responsáveis: Hélio Marcos Doyle, Murilo César Ramos (reportagem, redação e edição), Luiza Venturini (fotografia) e Maria Rita Leal (projeto gráfico e arte).
Diagramação: Chico Amaral
Ilustração: Ricardo Miranda Filho
Laboratorista: Jeová Xangó
Secretária de Redação: Dailia Maia de Oliveira
Composição, revisão e impressão: Jornal de Brasília

A comunidade da Universidade de Brasília vive uma situação ímpar. Professores, alunos e funcionários convivem com um estatuto ultrapassado pelos fatos ao mesmo tempo em que discutem um novo estatuto, proposto pela reitoria. E a discussão promete esquentar no segundo semestre. Alguns pontos como a estrutura administrativa da universidade e a composição dos órgãos deliberativos são polêmicos e geram diferentes visões na comunidade universitária. Mas até o final do ano a UnB terá, obrigatoriamente, um novo estatuto, resultado das discussões.

Estatuto avança, em marcha lenta

Eumano Silva

Polêmicas em torno da estrutura administrativa e da participação dos segmentos nos órgãos colegiados prometem "esquentar" os debates que antecedem a definição do novo estatuto da UnB. As maiores discussões deverão ocorrer durante o Congresso Universitário, que tem no dia nove de outubro a data-limite para sua realização. O cronograma das atividades foi fixado na semana passada pelo Conselho Universitário (Consuni) e prevê, também, que a aprovação final do documento ocorra até o dia 31 de outubro.

Quando a atual administração tomou posse, há menos de dois anos, ficou claro que os estatutos em vigor desde 1976 já não se adequavam aos rumos tomados pela universidade. A própria eleição direta do reitor Cristóvam Buarque não era contemplada pela legislação e, oficialmente, foi reconhecida como uma sugestão dos alunos, funcionários e professores para o Consuni. Hoje, problemas dessa natureza são resolvidos caso a caso pelo próprio Consuni e pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). Até agora, nenhuma resolução destes órgãos foi questionada por qualquer membro ou segmento da UnB, mas fica evidente a dificuldade operacional do processo de tomada de decisões em virtude da impropriedade regimental.

Apesar disso, somente em outubro do ano passado a reitoria apresentou a primeira proposta para o novo estatuto da UnB. Entre as inovações previstas, estão a criação de núcleos multidisciplinares e a substituição dos Institutos e Faculdades por Centros que congreguem os departamentos e os próprios núcleos. Outra novidade é a garantia da liberdade de asso-

ciação "dos diversos segmentos que compõem a comunidade universitária", abrindo espaço para participação dos órgãos de representação na administração geral e acadêmica.

O documento não foi bem aceito pelo Departamento de matemática, que pretende apresentar outra proposta até o final deste mês. O chefe do departamento, Norai Rocco, discorda da divisão em núcleos e centros, onde os núcleos "teriam o mesmo peso institucional que os departamentos". Norai considera que deva permanecer a atual estrutura de Institutos, com a possível criação de outros ou desmembramento dos atuais, e critica a composição de alguns órgãos colegiados que, segundo ele, têm excessiva participação de alunos e funcionários. O chefe do departamento também é contrário à eleição paritária para alguns cargos de chefia. Para ele, as pessoas "eternas" na universidade são os professores e, por excelência, devem ter maior peso no processo de escolha.

A principal preocupação dos funcionários é que o estatuto seja definido em um congresso universitário paritário, com posterior homologação do Consuni. A Comissão de Estatutos da Associação dos Técnicos Administrativos da Fundação Universidade de Brasília (ATA-FUB) já preparou um documento que será discutido em todos os centros de custo e que servirá de subsídio para a proposta final que será tirada de um congresso dos funcionários, previsto para os dias 23 e 24 deste mês. Pedro Tomaz, membro da comissão, considera que a proposta da reitoria traz grandes mudanças para a estrutura da universidade, mas que seus avanços ainda são insuficientes, e

sugere paridade nos Conselhos Universitários e de Administração.

Para o professor Márcio Villas-Boas, da Comissão de Estatutos da ADUnB — Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, o novo documento deve criar colegiados fortes, que participem da gestão administrativa. Villas-Boas propõe limitação nos poderes do reitor para evitar a "implementação de atos não representativos". Além da descentralização, o professor quer que o estatuto tenha como princípios a transferência das decisões, a democratização interna e a flexibilidade da legislação.

Entre os estudantes, as discussões caminham mais lentamente. A única atitude tomada até agora é o estudo do atual estatuto feito pelo GERUnB — Grupo de Estudos para a Reformulação da Universidade de Brasília. Edilberto Campos, participante do GERUnB, não descarta a ideia de realização de um congresso estudantil antes do congresso universitário. O CEB — Conselho de Entidades de Base, deve reunir-se nos próximos dias para discutir a participação dos alunos no processo de elaboração do novo estatuto.

Outra proposta surgida dentro da reitoria é um código de ética que substituirá o atual código disciplinar e complementará os estatutos e regimentos. Eugênio Aragão, assessor jurídico da UnB e autor do código, informou que a intenção do documento é dar um enfoque não disciplinar ao convívio na Universidade, sem caráter punitivo, mas prevendo sanções. O código de ética garante, por exemplo, ampla liberdade de manifestação, debate e exposição, além da participação comunitária na elaboração de projetos, currículos e programas.

Até astronauta participa da 39ª Reunião da SBPC

Telma Regina Pavarino

Astronautas, índios, cientistas, políticos. A 39ª Reunião anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência — SBPC — que se realizará de 12 a 18 de julho na UnB, congregará vários segmentos da sociedade que debaterão assuntos tão diversos como Aids e Irrigação.

Tendo como tema central "O Futuro do Brasil Hoje", para o qual irão convergir os debates de 11 grandes simpósios multidisciplinares — que se constituem no carro-chefe da 39ª Reunião e onde diferentes áreas de conhecimento poderão discutir, ao mesmo tempo, um único tema — a SBPC contará com a participação de cerca de 14 mil pessoas, entre cientistas, professores e estudantes.

Simpósios

Os temas dos simpósios reúnem várias áreas de conhecimento, tais como: Energia Hidráulica — Implicações Políticas, Sociais e Ambientais; Crise Energética; Impactos dos Grandes Empreendimentos sobre o Meio Ambiente e as Populações; População Brasileira, Espaço e Ideologia — Tendências Atuais; Impactos da Informatização e Automação; As Novas Tecnologias — Desafio à Vida Social; Tabagismo; Envelhecimento; Mais e Melhores Alimentos — A Questão Tecnológica. Além destes, dois estarão diretamente relacionados com a Constituinte: Ciência e Constituinte e Educação e Constituinte.

Serão realizados também ciclos de debates, mesas-redondas, encontros e conferências, sendo que uma delas contará com a participação do astronauta alemão Reinhold Furrer, que falará sobre os resultados e experiências da primeira missão espacial alemã.

Para esta reunião, que se realizará pela segunda vez em Brasília, os problemas de infraestrutura e apoio têm sido providenciados com relativa margem de segurança. Questões como alojamento, alimentação e transporte foram praticamente solucionadas. Os 14 mil participantes

poderão optar pelas escolas da rede oficial, Estádio Mané Garrincha, camping de Brasília, camping a ser instalado no Centro Olímpico da UnB, alojamentos particulares e o "alojamento solidário", de moradores de Brasília que se prontificaram a oferecer algumas vagas aos participantes da SBPC. No total, somam-se cerca de seis mil vagas, todas elas providenciadas pelos organizadores do evento. Todos os secretários-regionais, universidades e inclusive a UNE foram certificados das condições e preços de cada um desses alojamentos.

Programação

A programação cultural apesar de ainda não ter sido divulgada, já está definida. A 39ª Reunião teve como preocupação fundamental, divulgar os artistas de Brasília. Segundo João Luiz Homem de Carvalho, secretário regional da SBPC em Brasília, a sociedade não quer que Brasília seja uma simples anfitriã: "Queremos divulgar e mostrar que a cidade já tem sua própria produção cultural."

A abertura, dia 12 às 17:00h na Sala Villa-Lobos, terá como tema "A História da Evolução da Música" e contará com a parti-

cipação desde o índio Sapi e sua tribo Tucano (Alto Rio Negro), representando a música primitiva, até o conjunto Gênesi (São Paulo), representando a música digital contemporânea.

A programação cinematográfica compreenderá uma mostra de seis filmes longa-metragem, a partir das 20:00h, no Cine Brasília. Dentre eles, três de cineastas brasileiros: "Tigipió" de Pedro Jorge, dia 14, "A Difícil Viagem" de Geraldo Moraes, dia 15 e "O País de São Saruê" de Wladimir de Carvalho, dia 17.

Durante o transcorrer do evento, haverá todos os dias de 12:30 às 14:30 horas e após às 18:00 horas uma série de apresentações cênicas e musicais a cargo de movimentos culturais de Brasília, como corais, exposições de Artes Plásticas no Teatro Nacional, apresentação da Orquestra Sinfônica de Brasília e shows de mímica.

Para o encerramento está previsto um show-baille: "Cuba tira o Brasil para dançar", às 21:00h no Gracirular, com música típica caribenha e com a participação do conjunto musical cubano Sonito Quatro e a cantora Elena Buarque.



Votação pela greve foi consequência das perdas impostas pelo MEC aos funcionários

MEC leva funcionários à greve

Francisco de Paula

Os alunos da Universidade de Brasília poderão perder o semestre, caso o MEC não aceite o Plano de Cargos e Salários apresentado pela Federação dos Servidores Técnico-Administrativos das Universidades Brasileiras (FASUBRA). Os funcionários da UnB, bem como de mais 14 universidades federais brasileiras, já estão em greve desde o dia 7 de julho, por tempo indeterminado, enquanto as negociações com o MEC, envolvendo também os docentes e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, caminham muito lentamente.

Até o fechamento desta edição do Campus, as aulas estavam sendo dadas normalmente pelos professores, mas segundo o presidente da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos da UnB (ATA-FUB), Rosalvo Pereira Filho, "sem o trabalho dos funcionários, muitos cursos deverão parar caso a nossa greve se prolongue por mais duas que a deflagração da greve neste momento deveu-se ao não-cumprimento por parte do MEC de um acordo anteriormente assumido. "Ela nada teve a ver com o fato de estar prevista a realização da reunião anual da SBPC na UnB, de 12 a 19 de julho", assegura o presidente da ATA-FUB.

Com o Plano apresentado insistentemente pelo Ministério da Educação, sem qualquer consulta à FASUBRA, a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES) ou ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), os funcionários da Universidade de Brasília, perdem grande parte dos benefícios e vantagens que já tinham assegurado, como direito à licença especial de seis meses, após dez anos de serviço; e as promoções auto-

máticas, de dois em dois anos. O MEC não garante ainda estabilidade funcional, nem a aposentadoria integral, além de não fazer qualquer referência a piso salarial.

Docentes

"É uma calamidade, uma afronta à autonomia da Universidade brasileira. Eles querem transformar o professor em funcionário público, em burocrata, sem ao menos ter a possibilidade de desenvolver pesquisas. A aceitação de uma proposta como essa pode contribuir para a redução do ensino superior brasileiro a um 3º grau nos moldes do ensino secundarista atual, em que o professor é apenas um repetidor do livro 'didático', enquanto a função da universidade consiste sobretudo na produção de conhecimento".

A afirmação é do professor Vicente de Paula Faleiros, do Departamento de Serviço Social e 2º vice-presidente da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), ao repudiar a proposta de Planos de Cargos e Salários que o MEC apresentou aos docentes.

Em sucessivas assembleias desde o último dia 24 de julho, os professores de todas as instituições de ensino superior federais têm rejeitado as tentativas do MEC de impor-lhes um projeto de carreira que, entre questões de ingresso, acesso, licenças e promoções, fere os princípios da autonomia universitária e da indisponibilidade do ensino e da pesquisa. Juntamente com representantes da FASUBRA e do CRUB, os professores, através da ANDES, têm buscado esgotar todas as vias de negociação, embora já tenham aprovado indicativo de greve, encaminhando às suas Assembleias até o fechamento desta edição.

A Comunicação segundo Artur, o da Távola

Ana Rossi e Paulo Velho

A criação do Conselho Nacional de Comunicação, a revisão do processo de concessão de emissoras de rádio e televisão e a mudança das relações entre jornalistas e proprietários de empresas de comunicação foram defendidas pelo deputado carioca, pelo PMDB, Artur da Távola, relator da Comissão da Família, Educação, Cultura e Esporte, da Ciência e Tecnologia e da Comunicação. Ele esteve no Departamento de Comunicação da UnB, onde durante quase duas horas debateu a política nacional de comunicação com alunos e professores

— Um número cada vez menor de pessoas comanda o ato de falar de um número cada vez maior de pessoas —, resume o constituinte. Na avaliação dele, a atual estrutura de comunicação do país está dominada pelas empresas privadas, e por isso é nociva aos interesses da sociedade. "Os meios de comunicação são aparelhos ideológicos do Estado e nunca veiculam posições e ideias contrárias às da classe dominante", define. Para comprovar isso, Artur da Távola dá os números: as empresas privadas detêm, atualmente, 96% do mercado restando 4% para empresas estatais. Essa diferença acentua-se quando se trata de audiência, com a participação das empresas subindo para 98% e a das estatais caindo para 2%. "A empresa privada não pode controlar o setor porque acarreta grandes repercussões nos processos sociais", adverte Távola.

Para reverter esse quadro, o deputado carioca prega a necessidade do surgimento de um terceiro personagem na política nacional de comunicação: a instância pública, que se diferenciaria da empresa estatal pelo fato de que seu controle político ficaria a cargo de representantes da sociedade civil e não do Estado. "No Brasil há uma confusão entre o que é público e o estatal", adverte o constituinte. No caso, a instância pública seria mantida financeiramente pelo Estado sem estar subordinada politicamente a ele.

Mas toda e qualquer mudança do atual sistema de política nacional de comunicação está diretamente ligada à criação do Conselho Nacional de Comunicação, que definiria as diretrizes básicas para o setor e determinaria a quem caberia a concessão de emissoras de rádio e televisão. Esse conselho teria autonomia em relação aos poderes Executivo e Legislativo. Távola acha necessária a autonomia em relação ao Congresso Nacional porque em sua avaliação as empresas de comunicação estão representadas nele com pelo menos 70 deputados.

Para ele, o que não pode é continuar a atual sistemática de concessão, onde o Presidente da República, escolhe, a seu juízo, quem deve ou não ter direito a explorar uma concessão de emissora de rádio e televisão. "Nem nos Estados Unidos, a pátria do presidencialismo, há essa concentração de poderes nas mãos do Presidente da República", alerta Artur da Távola. No Brasil, o presidente concede o canal ouvindo apenas o ministro das Comunicações. Todas essas mudanças institucionais também devem atingir as redações. Távola defende a reformulação das relações entre os jornalistas e as empresas, que são delicadas e intrínsecas ao exercício da profissão. "O que se discute é o próprio conceito de liberdade", resume o constituinte. E, na opinião dele, uma luta diária entre o trabalhador da notícia, o jornalista e o proprietário do jornal, que detém o poder. "É o drama da profissão", avalia Távola.

A alternativa proposta pelo deputado carioca é a de criação de um Conselho de Redação nas empresas de comunicação. Essa proposta foi apresentada por ele na Subcomissão de Ciência e Tecnologia e Comunicação, e rejeitada.



A briga pela concessão de um canal de rádio para a Universidade de Brasília está declarada definitivamente. Uma grande mobilização cultural, com shows de dança, música e mímica, foi realizada no Ceubinho, no dia 1º de julho, para lançar o Movimento Pró-Rádio UnB. O ato público marcou o início de uma campanha que pretende atingir e conscientizar a comunidade do jogo político e arbitrário escondido nas decisões do Ministério das Comunicações, interessado em ceder o canal ao GDF (ou não cedê-lo a UnB). O Movimento Pró-Rádio deverá realizar ainda outros shows e atividades.



Marcus Vinicius

Dança e Música em defesa da Rádio UnB

Jaul Ramalho

O primeiro ato público expressivo do Movimento Pró-Rádio UnB aconteceu na manhã do dia 1º de julho passado. Foi uma mobilização cultural que envolveu, no Ceubinho, grande parte de nossa comunidade em um show de dança, música e teatro, visando a adesão dos alunos da UnB ao Movimento Pró-Rádio.

O Movimento, idealizado por um grupo de alunos do Departamento de Comunicação, tem como objetivo a conscientização e apoio da população de Brasília na luta pela concessão do canal de rádio cultural, existente no Ministério das Comunicações, que já havia sido solicitada pela UnB, com projeto aprovado pelo MEC e encaminhado pelas vias legais ao Minicom. Apesar disso, o Ministério de Antônio Carlos Magalhães está tentando, de forma arbitrária, ceder o canal ao GDF, que sequer apresentou projeto. Para atingir seus objetivos, o Movimento está organizando um comitê executivo composto por membros da universidade, que irá desencadear uma série de atividades pela cidade, em defesa da rádio UnB.

Estiveram presentes no evento, além de alunos e professores, o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, Armando Rollemberg, o presidente da Comissão que elaborou o projeto da rádio UnB, professor Salomão, o representante da Adunb, professor Murilo Cezar Ramos e representantes da UNE. O show contou com pleno apoio do Serviço de Apoio Cultural que proporcionou os equipamentos, equipe técnica e divulgação.

O show

O show começou às 10:15 horas, tendo como apresentador, Fernando, da Geografic, com a apresentação do grupo "EnDança", da UnB, que aproveitou o espaço para dar uma breve demonstração do espetáculo "Imagem Virtual" em cartaz na cidade. Depois foi a vez de Carrapa, membro do grupo Liga Tripa, dar um sólo de ca-vaquinho. Os Rochas, grupo de

rock que baseia suas músicas num contexto político, social e romântico, passou seu repertório de cinco músicas encabeçadas por "Política", que toca nas FMs da cidade e "Johnny be good", de Chuck Berry. No vocal Militão, da Comunicação, na bateria, Luciano, da Administração, na guitarra, Ricardão, da Economia e no baixo, Molina, da Comunicação, que é um dos líderes do Movimento Pró-Rádio. Durante a apresentação dos Rochas, houve a declamação do poeta e cineasta Nevinho Alarcão e o discurso de Armando Rollemberg, ambos apoiando o Movimento.

Em seu discurso, Rollemberg enfatizou que a transferência da rádio UnB para o GDF demonstra a política autoritária adotada pelo Ministério das Comunicações, no Governo Sarney. Nesse sentido, conclamamos os alunos da universidade a assinar a Proposta de Democratização dos Meios de Comunicação, que necessita de 30 mil assinaturas para ser apreciada na Constituinte, e que se aprovada, irá por fim ao tráfico de influências hoje existente. Isso será possível com a criação do Conselho Nacional de Comunicação, que terá responsabilidade pelas concessões de rádio e televisão no Brasil.

Por volta de 11:30 horas, entrou em cena a banda de Mário Salimom, aluno da Comunicação e vocalista da banda, que expressou seu apoio ao Movimento e proporcionou acompanhado dos integrantes, Edmilson Ferrari, na guitarra; Dedé, no baixo e Gustavo, na bateria, momentos de harmonia e descontração ao público, através de seus funks e souls bem ritmados. Depois foi a vez do grupo teatral "La Parrima" da Colômbia, que está ministrando um curso de teatro na UnB, apresentar a mímica "De Rumba em Rumba" que arrancou risos e aplausos do público. E finalizando, por volta de uma da tarde, houve a improvisação de membros dos conjuntos de rock, Detrito Federal, Filhos de Mengele e Grinders, que expressaram seu apoio ao Movimento ao som agressivo do heavy metal.



Comissão estuda casos de professores que tem imóvel no DF e ocupam apartamentos da Universidade.

Ricardo

A Vila Paranoá cobra participação da UnB

Francisco de Paula

"A Escola Normal de Brasília forma professores para dar aula para os filhos de gente rica, e não para os pobres. Lá não nos ensinam a discutir, e sim como manter a postura dentro da sala de aula, como apagar o quadro, usar transparências e outras coisas parecidas". Estas são as palavras de Zilma Cassemiro Alves, professora do 1º grau, que hoje tem oportunidade de discutir sobre educação voltada para a população da Vila Paranoá — lugar onde mora. Zilma participa, com mais sete colegas, do Projeto para Alfabetização de Adultos — uma atividade de extensão da UnB orientada pela professora Marialice de Carvalho Pitaguary, do Departamento de Pedagogia da Universidade de Brasília. Este grupo, de que fazem parte duas professoras de 1º grau já formadas e seis alunas da Escola Normal de Brasília, reúne-se de segunda à sexta-feira, das 20 às 22 horas, no Centro Social da Vila.

O Projeto, no entanto, não partiu da iniciativa da universidade, mas sim de esforços da própria comunidade da Vila Paranoá que, organizada em associações, encaminhou pedido à UnB, a fim de que, através de postura não-assistencialista, contribuísse para a construção das bases de uma sociedade democrática. A comunidade da Vila e a universidade, em dezembro de março último, deram início a este plano, com a formação de duas turmas: uma com sete alfabetizados adultos e outra com as futuras professoras do Projeto que ora se preparam para

em breve assumir a orientação dos trabalhos em turmas que devem ser formadas em sete pontos diferentes da Vila Paranoá. Cada uma das professoras deve trabalhar com um grupo de sete alunos.

Segundo a professora Marialice Pitaguary, o objetivo deste trabalho é possibilitar ao alfabetizado adulto uma formação atuante e participativa, uma vez que a filosofia básica do projeto é o respeito ao alfabetizando adulto enquanto ser social e politicamente ativo.

Maria de Lourdes Pereira dos Santos, 27 anos, professora que trabalha no Plano Piloto na Ampare (Associação de Mães, Pais e Amigos Recuperadores de Excepcionais) e que também é uma das futuras professoras do Projeto, está muito satisfeita com o trabalho desenvolvido pela UnB junto à comunidade da Vila. Contudo não deixa de protestar: "É tão difícil achar voluntários na universidade que queiram trabalhar com questões comunitárias fora do Plano Piloto. O que a gente questiona é que as pessoas da UnB não compartilham o que sabem com a gente. É importante que pessoas mais instruídas venham aqui discutir e nos orientar sobre questões que tratam da realidade que vivemos, por exemplo: por que moramos em barracos, por que aqui falta água, por que somos analfabetos, por que o transporte coletivo é tão caro, por que uma professora da Escola da Fundação daqui dá como tema para redação 'Minhas Férias na Praia'. Ora, as crianças daqui do Paranoá nunca passaram férias em praia".



O show contou com a colaboração do serviço de apoio cultural

acontece...

Canto de Encontro

Se você é do tipo "cantor de chuveiro", venha participar do encontro que acontece todas as terças às 12h30, no Anfiteatro 9. Esse é um espaço para você mostrar o que sabe fazer, sem compromisso de ser bem ou malfeito — recitar, cantar, representar, tudo que quiser, sob a coordenação de Fred Brasiliense, do SEC/DAC.

Mímica Colombiana

O grupo colombiano La Tarima, que veio para o Brasil participar do I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (Flaac), está dando um curso de mímica desde o dia 6/7, com duração de um mês, na Sala Saltimbancos do Departamento de Desenho (que está apoiando o evento). O curso é gratuito e a turma não precisa de nenhuma experiência anterior. Segundo o pessoal do Núcleo de Teatro do SEC/DAC, "o curso vai ser ótimo".



Planejamento Familiar

A professora Marília Lagura, do Departamento de Enfermagem, está coordenando o I Encontro Nacional de Informação sobre Métodos Naturais de Planejamento Familiar, que vai acontecer de 31/7 a 2/8, na Casa de Retiro Assunção (611 Norte). As inscrições estão sendo feitas no Departamento de Enfermagem e os temas vão desde Aspectos Técnicos dos Métodos

Naturais de Planejamento Familiar até Sexualidade Humana.

SBPC na Biblioteca

O saguão térreo e inferior da Biblioteca estão cedidos à SBPC durante o período de sua duração. A programação está vindo de São Paulo, e pelo jeito deve pintar muita coisa interessante por aí!

Já no dia 20, o hall de entrada da Biblioteca vai receber

Luiza Adriana Mouta

uma exposição com posters, cartazes e postais do Encontro Nacional dos Estudantes de História, que, vale lembrar, começa dia 19, qui na UnB.

Yoga para Gestantes

As "barrigudinhas" que se interessam em fazer yoga e ginástica, já têm seu espaço reservado no Atelier de Arquitetura, às terças e quintas, das 12h15 às 13h15. Quem dá as aulas é a professora Paula Guida, que já faz esse trabalho há quatro anos. O curso é gratuito e está aberto ao público. Informações no DAC, ramal 2240 com Rosângela ou Lucila.

Villa-Lobos

As atividades de comemoração do Centenário Villa-Lobos prosseguem durante todo o ano. O negócio é ficar de olho nos cartazes, filipetas e no boletim diário "UnB hoje". "Pra variar", a promoção é do SEC/DAC.

Muro

Diretas sem saia

Com o reinício da campanha pelas eleições diretas, algumas precauções precisam ser tomadas para evitar situações embaraçosas. Na manifestação pelas diretas realizada na UnB, no dia 2 de julho, a deputada Lídice da Mata (PC do B-BA) deparou-se com um problema inédito: quando sua presença foi solicitada no alto do carro de som, que cumpria o papel de palanque, lembrou-se de que estava de saia. Como teria de subir uma escada, muita gente que estava por perto virou o rosto para não constranger a deputada, e alguns parlamentares ofereceram-se para ajudá-la.

Acredite se Quiser

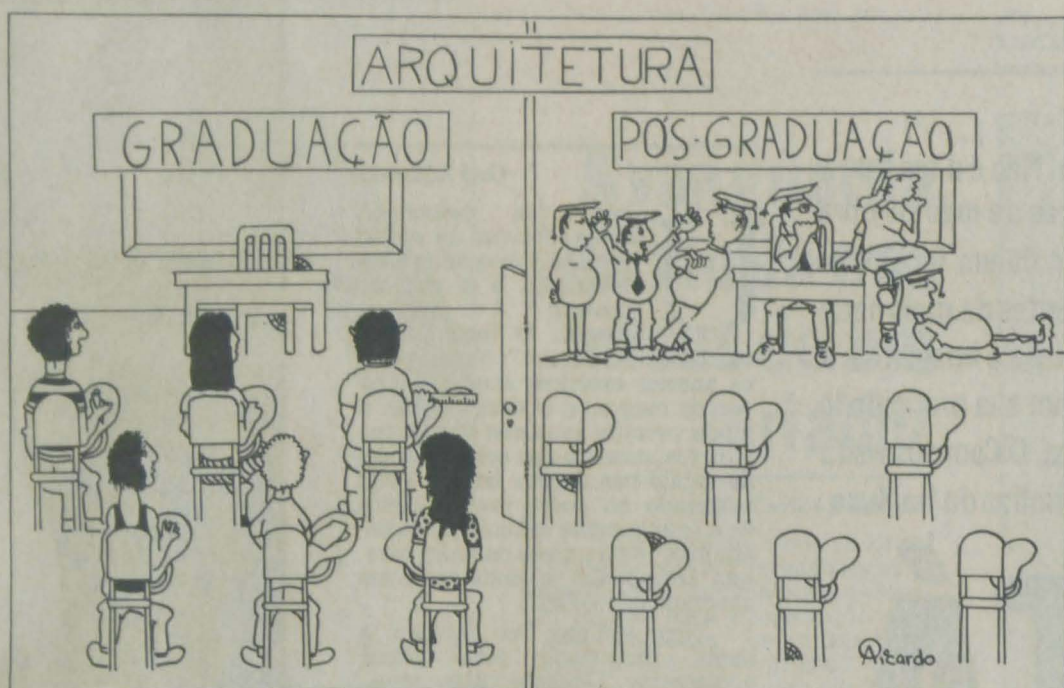
Acredite se quiser: a TV Globo foi a única emissora de Brasília que aceitou veicular a propaganda do Comitê Pró-Diretas para a Presidência da República, convocando a população para o Show-mício do dia 7 de julho, terça-feira. A direção local pediu apenas um dia para consultar o Rio de Janeiro sobre o assunto. A resposta do cacique Roberto Marinho foi

positiva e acompanhada da liberação da cobertura jornalística do showmício. Até o fim de Marinho, a TV Globo não havia noticiado nada do showmício.

As cinco outras emissoras de televisão — Nacional, Bandeirantes, Brasília, Capital e SBT simplesmente recusaram-se a veicular a propaganda. A SBT deu um sonoro não no momento em que os organizadores a procuraram. As outras pediram tempo, mas a negativa veio rapidamente. A TV Brasília foi a mais incoerente: chegou a aceitar o anúncio, recebeu o dinheiro e depois voltou atrás, devolvendo o que havia recebido.

Em Pleno Mar

Vai acontecer também, na SBPC, a apresentação da peça Em Pleno Mar, de Slawomir Mrozek e direção de Chico Expedito. A peça estará em cartaz todos os dias na SBPC na UnB. Em Pleno Ar é uma alegoria sócio-política, discute a vida do homem na sociedade moderna e é aí que entra o absurdo, o absurdo da condição humana. Em Pleno Mar é uma comédia contemporânea.



A faculdade de arquitetura com 16 professores para 28 alunos da pós-graduação, ou seja dois alunos para cada professor, enfrenta sérias dificuldades. A elaboração da lista de ofertas da graduação para o próximo semestre torna-se impossível já que não há professores disponíveis.

Segundo o professor José Maria Lessa, o critério utilizado para a distribuição dos professores entre as disciplinas é a área de interesse. O que leva a crer que o pós-graduação é atualmente, a maior área de interesse dos professores.

Arquitetura sem professores para graduação



A coordenação do Cineclube explica a falta de público pela dificuldade de acesso ao local

Público reduzido e indefinição esvaziam Cineclube 2 Candangos

Roselle Amorim

Executar uma política de programação mais clara para um público que ainda precisa ser conquistado e estabelecido definitivamente. Essa é a meta principal do Cineclube 2 Candangos para o segundo semestre de 87 e a forma definida por seus integrantes para, finalmente, fazer do espaço um local onde se possa ver, discutir e estudar cinema. Atualmente com um público mínimo, que na maioria das vezes não ultrapassa 20 pessoas por sessão, o Cineclube existe desde 1986 e, se não é um cinema da Asa Norte, também não tem o reconhecimento desejado dentro da própria universidade.

Criado pelos estudantes, a princípio para ser basicamente um cinema alternativo, o Cineclube viveu etapas de discussões e reestruturações de seus objetivos até que fosse pensado, então, não só como um local para exposições, mas um ponto de encontro para os apaixonados por cinema, um espaço para debates e um canal alternativo para mostras e projeções cinematográficas brasileiras, nacionais e internacionais. Instalado no prédio da Editora da UnB, o Cineclube conta com uma sala para projeções considerada excelente, com 192 lugares, ar condicionado, bons projetores, espaço para debates e cobrando ingressos irrisórios.

O ponto mais polêmico, porém, é o público. No período de maior frequência, no ano passado, o Cineclube recebia para suas sessões uma média de 50 pessoas, hoje reduzidas a apenas 20. Para a coordenadora geral do centro, Thereza Tostes Ribeiro, a principal razão para esse número baixíssimo é a dificuldade de acesso ao local, especialmente à noite. "Nesse período a UnB é totalmente deserta, mal iluminada, sem nenhuma segurança e não há sinalização no local." Para ela, a queda de público se deve também à greve desse ano com interrupção da programação, e uma descrença dentro da UnB com relação ao Cineclube. "Somos mais acreditados e reconhecidos lá fora e o nosso público mais fre-

quente são moradores do CO ou das quadras mais próximas", explica Thereza.

Asa Norte

Mas o Cineclube não pretende e nunca pretendeu ser exclusivamente um cinema que atendesse à Asa Norte especificamente. "Hoje o pensamos como um Centro de Cultura Cinematográfica, que além de espaço para exposições desenvolve um trabalho de documentação, arquivo e pesquisas na área e pretende ser um meio de intervenção na sociedade, como encontro de cinefilos", afirma a sua coordenadora. Ao mesmo tempo, a nova política de programação para o segundo semestre desse ano deverá, ao menos em parte, resgatar faixas de públicos esquecidos, sobretudo dentro da UnB.

Logo em agosto terá início o "Almoço no Cinema", com projeções de terça a sexta-feira ao meio-dia. A nova proposta tem como programação: 3ª feira, comédias; 4ª feira, filmes de aventura; 5ª feira, cinema erótico e 6ª feira, filmes de suspense. No horário de 18h30, será realizada uma programação de História do Cinema, com exibição de filmes e debates. Até o final do semestre o Cineclube pretende iniciar também a Sessão Mingau (filmes infantis, nos finais de semana) e Sessão Terror, com projeções à meia noite.

Paralelamente a essas atividades, existe o Cendocine - Centro de Documentação Cinematográfica - com trabalhos de recuperação e manutenção de acervos e estudos cinematográficos. O Cineclube conta também com uma equipe de oito alunos bolsistas que trabalham na divulgação, documentação, administração e estudos de projeção. Para a coordenadora do Cineclube, o trabalho é extenso e a equipe tão pequena quanto as verbas recebidas da Reitoria, através da Diretoria de Assuntos Comunitários. "Os custos de manutenção dos equipamentos, pagamento de projetistas e aluguel de filmes são muito altos, especialmente se levarmos em conta que cobramos do público uma taxa de 10 cruzados para carentes e 15 cruzados para não carentes".

O orçamento previsto para o Cineclube até o mês de agosto de 87 gira em torno de 34 mil cruzados e a Embrafilme, por exemplo, cobra o aluguel de um filme na média de 550 cruzados por dia. A quantia arrecadada dos ingressos não paga nem a metade das despesas de aluguel ou manutenção e, apesar de todo o trabalho para a boa seleção de filmes, o público normalmente também é irrisório.

Mas se o Cineclube já teve sessões com apenas quatro pessoas e atualmente conta com um número tão pequeno, ele já teve também exposições com a sala lotada. Em 86, por exemplo, filmes como "Eles Não Usam Black-Tie", "Eu Te Amo" ou "O Homem Que Virou Suco" chegaram a reunir 165 pessoas em apenas uma sessão. Entre as mostras especiais realizadas, algumas com mais e outras com menos público, foram exibidos filmes mexicanos, alemães, checoslovacos, latino-americanos ou de cineastas brasileiros como Vladimir Carvalho, Humberto Mauro e Geraldo Moraes.

A coordenadora do Cineclube, Thereza Tostes, acredita que até hoje o espaço tem a frequência de um "público extra" e poder vir a ser uma espécie de Cultura Inglesa, "onde as pessoas vão mais pelo tipo de programação. Há uma descrença e mesmo falta de hábito com relação ao Cineclube por parte de quem deveria ser seu público", entende Thereza.

O Cineclube foi inaugurado em março de 1986, com a exibição do filme "O Pagador de Promessas", de Anselmo Duarte, mas o ponto de partida para sua criação surgiu em 85, com a formação do Núcleo de Cultura Popular da UnB. Na época, o grupo inicial da área de cinema do NPC pretendia criar o Cineclube e Cinema de Arte Hollywood Já Era e começava a discutir o que e como deveria ser o Cineclube. Em novembro do mesmo ano, já instalado no auditório do Cinema 2 Candangos, o Cineclube ganhou da empresa cinematográfica F.J. Lucas Neto os dois projetores 35mm que utiliza ainda hoje, depois de vários reparos.

de jornais e revistas, isso sem falar da instalação do equipamento, que está à espera da preparação da sala para prefeitura do Campus para receber a aparelhagem. O custo geral desse projeto é orçado em cerca de 1,5 milhão de dólares, 75% dos quais cobertos pela Xerox do Brasil.

Atualmente, já existem na seção de multimídia um televisor com casete, um projetor de filmes e um serviço de áudio composto por gravadores e toca-discos, que oferece, entre outras coisas, um curso de línguas estrangeiras; na seção de periódicos, há uma aparelhagem de microfones considerada ultrapassada. Agora o usuário dispõe também de alguns filmes sobre literatos brasileiros, além de um serviço de intercâmbio com as embaixadas e redes de televisão. Há ainda nos multimídias a mapoteca com um projetor de "alides", um epidiscópio e um projetor de diafilme, além de mapas, é claro.

E nesse mesmo edifício da Biblioteca que, de 13 a 25 de setembro, se instalará o I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura, contando com eventos de teatro, dança, música, cinema, vídeo, fotografia, literatura, arte-educação, arte popular e artesanato.

Cláudia Prado

O Departamento de Arquitetura e Urbanismo está enfrentando sérias dificuldades na elaboração do horário para o próximo semestre do curso de Graduação. E que não há professores disponíveis para dar estas aulas.

Mas onde eles estarão? Basta dar uma olhada no número de professores existentes na FAU-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - para constatar que os "fantasmas" nem saíram do Departamento. São 16 professores alunos da Pós-Graduação, ou seja, quase dois alunos para cada professor, enquanto que na Graduação, 24 professores se distribuem por aproximadamente 350 alunos. Para Jarbas Dutra, Presidente do C.A., o problema está na má disposição do corpo Docente: "Aqueles mais capacitados que possuem Mestrado, Doutorado etc, são prioritariamente solicitados para a Pós-Graduação. Isso dá muita confusão no horário de trabalho, pois é impossível dar aulas na Pós e na Graduação ao mesmo tempo".

Horário

Tudo começou na elaboração do horário para o próximo semestre. Os alunos descobriram que enquanto para eles eram grandes as dificuldades de se achar os professores certos para as disciplinas certas, a Coordenação da Pós já tinha sua lista de ofertas

pronta: "Lá, cumpre-se muito mais o horário integral do que aqui na Graduação", comenta Jarbas. Na verdade, o sistema implantado na FAU é o de reciclagem: os professores se revezam a cada semestre entre a Graduação e a Pós. O que não altera o problema. Muito pelo contrário, os 350 alunos da graduação continuam com sua carga horária defasada em relação aos poucos 28 da Pós. Para a coordenadora da Pós-Graduação, Suely Gonzales, este é um fato muito natural: "É quase evidente que existia essa diferença entre os dois cursos e que o número de alunos por disciplina na Pós seja muitíssimo menor que na Graduação".

Para os alunos, no entanto, o ideal seria que os professores requisitados para trabalhar na Reitoria voltassem para o Departamento: "Com a ida do professor Erico Weidle para a Prefeitura da UnB, a disciplina Estruturas Arquitetônicas I, dada por ele, ficou acéfala. Tentou-se fazer um remanejamento, mas a crise continuou", diz Jarbas. O Centro Acadêmico chegou a fazer um levantamento da Lista de Ofertas e foi colocada a posição do aluno a favor do retorno do Prefeito para a FAU. Mas foi vetado de imediato pelo próprio Colegiado.

Problemas

Em meio a tanta desorganização, problemas dentro da própria Graduação não faltam. Surge então o caso de uma professora requisitada para a disciplina "Sis-

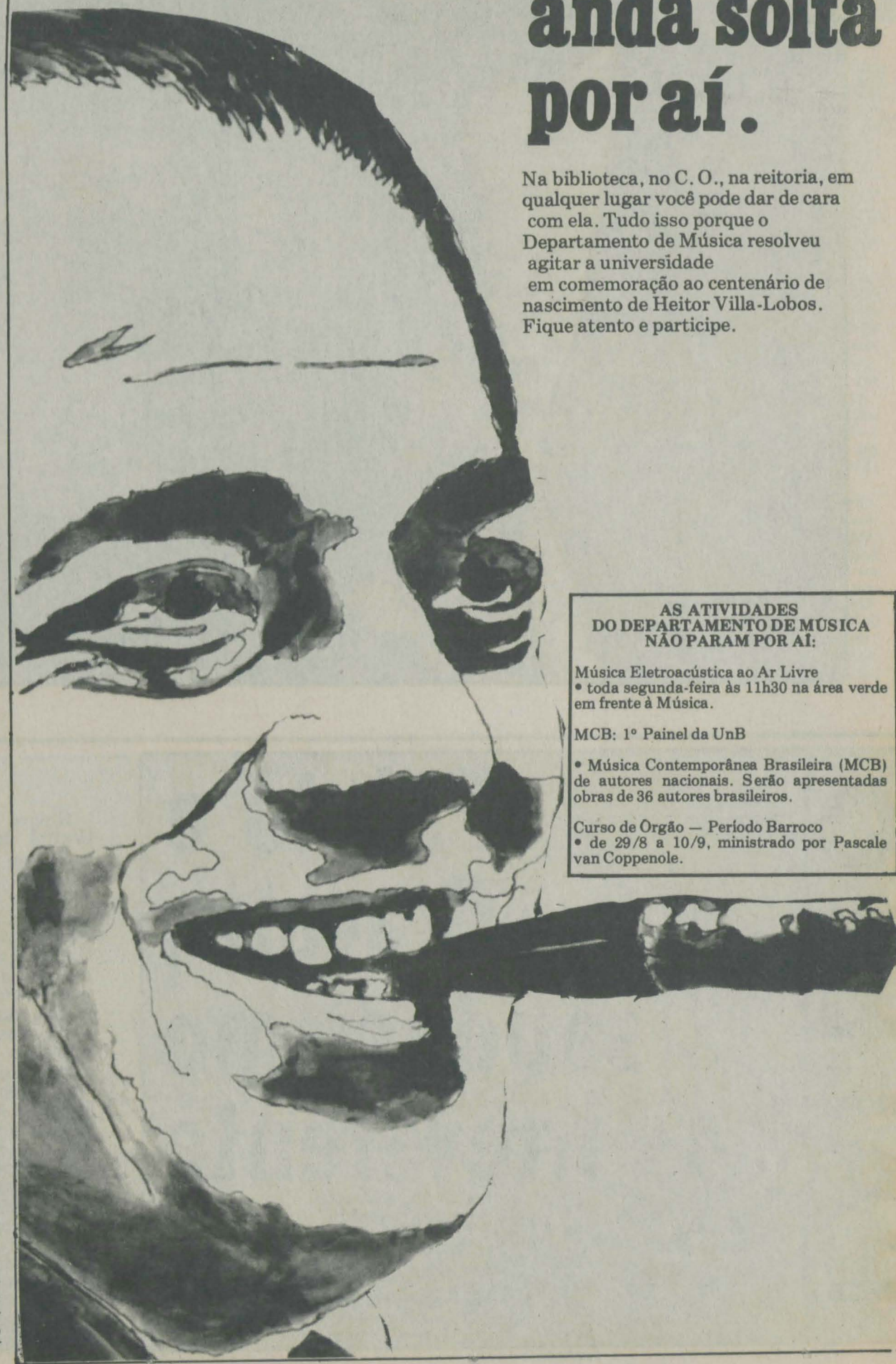
temas Construtivos", optativa para o curso. Na existência de vaga na disciplina Projetos de Edificação e Urbanismo 5, tal professora fora convidada a preencher esta vaga. Terminando o semestre, no entanto, ela terá de voltar à disciplina original, para a qual fora designada. Isto criou um impasse, pois a professora alega não ter tempo suficiente para organizar seu plano de estudo para o próximo semestre, tendo em vista o pequeno recesso dado no período a seguir.

Segundo o professor José Maria Lessa, o critério utilizado para a distribuição dos professores entre as disciplinas é a área de interesse. O que leva a crer que a Pós-Graduação (composta por dois cursos, Planejamento Urbano e Desenho Urbano) é, atualmente, a maior área de interesse dos professores.

Mais problemas

Além das discussões criadas entre dois cursos, o Departamento vem sofrendo com a precariedade dos materiais existentes e com a falta de outros. Um quadro composto por pranchetas velhas, quebradas, escassez de bancos, armários arrombados (alguns mais de duas vezes), e muito mais... Alunos e professores se uniram para reivindicar novos móveis, materiais de estudo etc. O que se espera agora é mobilização dos coordenadores para uma melhor alocação de seus professores.

A música de Villa-Lobos anda solta por aí.



AS ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE MÚSICA NÃO PARAM POR AÍ:

Música Eletroacústica ao Ar Livre
• toda segunda-feira às 11h30 na área verde em frente à Música.

MCB: 1º Pánel da UnB

• Música Contemporânea Brasileira (MCB) de autores nacionais. Serão apresentadas obras de 36 autores brasileiros.

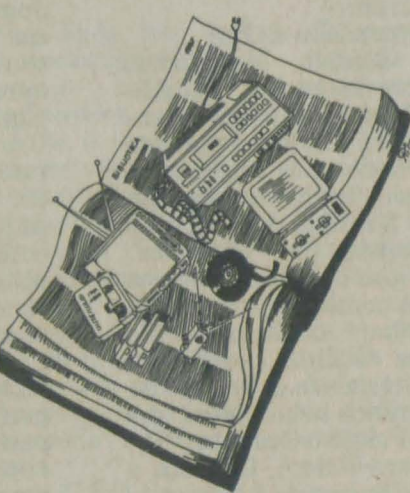
Curso de Órgão - Período Barroco
• de 29/8 a 10/9, ministrado por Pascale van Coppenole.

Informática e vídeo, opções da biblioteca

Renato Afonso

A biblioteca e o novo tempo. Uma televisão para quem procura a programação normal, oito monitores com videocassete para uso individual e um telão para coletivo, dois aparelhos de vídeo para reprodução e um acervo de fitas, além de outros equipamentos, formarão a infra-estrutura da biblioteca que será implantada no subsolo da Biblioteca da UnB, enquanto no andar superior estará se instalando, também, até o fim de agosto, um centro de leitura e armazenamento de microfílmagens.

Foi liberada pelo Reitor, uma verba de 5.760.146,76 cruzados, através de recursos próprios da Fundação Universidade de Brasília, para o projeto da vidoteca, incluindo a contratação de dois bolsistas e um pe-



dagogo especializado em tecnologia educacional. O projeto da microfílmagem, por sua vez, prevê a aquisição de 12.400 teses de doutorado sobre a América Latina e de textos completos

O ato de se vestir tem sido cada vez mais valorizado. Não é à-toa que a indústria da moda ocupa o segundo lugar na absorção de mão-de-obra no Brasil, perdendo só para a construção civil. Além de um fenômeno social e de um negócio altamente rentável, a moda é antes de mais nada um fenômeno estético. Ela está intimamente associada à imagem, e à sensualidade. Ora pelo apelo puramente visual, ora por sua praticidade ou simbolismo, a moda traduz gostos e personalidades. O Campus visita o mundo da moda, do black-tie às botinhas da tia Xuxa.

A MODA ESTÁ NA MODA

Fotos: Susana Dobal



Ceci Almeida

Uma das principais características da moda nestes últimos anos foi a celebração e o encorajamento à imagem juvenil. O look jovem tornou-se um "must". Note-se que os anseios estéticos atuais são os corpos magros e atléticos e que a moda permite exageros nos curtos e justos, ousadia nas cores e abuso de tecido nas roupas largas. Tudo adequado ao gosto jovem, gosto este rapidamente assimilado pelos adultos, pois parece que ninguém que acompanha a moda quer ser chamado de "velho".

Nem sempre, no entanto, a moda incentivou este visual adolescente. Durante vários anos, mais precisamente até o final da década de 50, a moda vestia apenas adultos e crianças, já que os jovens tinham que se vestir como seus pais, ou (pior) como seus irmãos menores. Foi a explosão demográfica do pós-guerra e, conseqüentemente, a explosão de juventude dos anos 60 que alterou este quadro radicalmente. Para se ter uma idéia, em meados dos anos 60, metade da população dos EUA tinha menos de 25 anos e, na França, um terço da população era composta por jovens com menos de 20 anos. A indústria da moda identificou num piscar de olhos este novo consumidor, totalmente diferenciado do adulto, que exigia uma maneira específica de vestir. O jovem, então, passa a figurar como um novo protótipo humano e revoluciona os hábitos, gostos, costumes e a aparência de uma maneira geral. Exemplo desta mudança radical foi a minissaia dos anos 60, que, além de expressão de contracultura, foi, acima de tudo, um símbolo da moda jovem. Não se pode deixar de falar ainda nos jeans, que, nesta época, passaram a compor o guarda-roupa básico masculino e feminino. Não errou quem apostou no look jeans, pois ele passou a ser disparado o que havia de mais democrático, descontraído e jovem na moda em todo o mundo.

A moda concedida pela alta costura começa a decair com o estilo dos criadores Prêt-à-Porter multiplicando a democratização de propostas. As novas idéias procuravam não seguir exclusivamente padrões rígidos. A qualidade, bem como a perfeição da roupa passaram a ser aspectos secundários, pois valia mais a espontaneidade criativa, tecidos, formas e cores que, antes de mais nada, chocassem e seduzissem. Na Década de 70, esta tendência chega ao auge. Caracterizadas pelo inédito, pelo chocante e até mesmo pelo teatral, as roupas eram tratadas como fantasias (como se vivêssemos constantemente um grande espetáculo). Foi o triunfo da "moda-de-qualquer-um", uma conquista do individualismo.

Mas, no final da década de 70, há uma reciclagem do clássico e do tradicional e a juventude chega mesmo a "sair de moda". As maneiras pessoais de vestir passam a ser vistas como meras manifestações de narcisismo infantil. Buscava-se novamente a sobriedade da alta costura dos anos 50. Mesmo assim, o aparecimento de novas modas na década de 80 não fez desaparecer as anteriores. No vasto leque de ofertas, cada moda nova trazia idéias suplementares. Atualmente temos uma liberdade maior para vestir o que queremos. Não há mais regras válidas para todos, mas sim, uma série de estilos diferentes coexistindo. Da mesma forma como foram reciclados os estilos clássicos e sóbrios da alta costura, avançou-se em outros, criando uma moda de traços futuristas, como é o caso do "clean" ou do "dark". Há espaço para tudo, inclusive para estilos marcadamente dos anos 70, que primavam pela moda enquanto fantasia (é o caso das roupas punks ou bregas que invadiram as ruas durante algum tempo).

O visual jovem mantém sua força, permitindo, no entanto, grande variedade de estilos. Modas periódicas continuam existindo e se alternando. Hoje, a criatividade no vestir e o prazer de descobrir novos estilos convivem ao mesmo tempo, com a exigência de maior seletividade. O filtro não é mais a praticidade ou o simbolismo, mas sim as qualidades formais e esteticamente visuais da roupa.



Giuliana Morrone

Vestir-se de vanguarda, brega-chic, new classic, ou qualquer outro estilo, muitas vezes é optar pelo desconforto, assumir a inconveniência da moda. Quem comodamente estabelece como princípio de moda adotar tudo o que as boutiques e grandes griffes impõem, corre o risco de sofrer vários incômodos.

O uso da gravata, por exemplo, que já se tornou um hábito social, ressurgiu mais uma vez nos colarinhos femininos. Liberadas e autônomas, as mulheres que queimavam sutiã nos anos 50, se sufocam agora nos apertados do nó da gravata. E os homens, que há muito tempo querem sair desse embaraço burocrático ensaiam algumas investidas pelo fim da gravata. No início do ano, por exemplo, mal começava a enrolada constituinte e o avant-garde progressista, deputado

Pedro Mansur

Quando se fala em moda, o que logo vem à nossa cabeça é um fenômeno estético em que as pessoas usam roupas iguais, influenciadas pelas necessidades do dia-a-dia pelo clima que nos obriga a mudar de roupa a todo momento, ou ainda a influência dos padrões de elegância de grandes mitos do cinema ou da televisão.

Entretanto, a moda não pode ser vista apenas pelo puro aspecto estético ou simplesmente uma adaptação ao meio em que se vive. A moda é também um fenômeno social. Segundo o professor Argemiro Procópio, doutor em Sociologia pela Universidade de Berlim, a moda é ditada pelas classes dominantes: "As classes dominadas imitando os padrões de beleza, o modo de vestir, se sentem na ilusão de penetrar no universo da classe alta. Daí a tradição de se vestir bem para ir a uma festa. Esta imitação é o chamado mimetismo cultural".

Argemiro afirma que o rico se distingue do pobre pelo vocabulário, pelo comportamento, pelo modo de comer ou morar. Já que o pobre não consegue alcançar estas coisas, "quem não tem cão caça com gato": através da roupa o pobre se sente como o rico. "E o caso do aluguel de smoking, vestidos e chapéus", explica Argemiro.

Algumas roupas que vieram da classe operária, obtiveram sucesso e viraram moda no mundo inteiro. E o caso do jeans, que pode ser visto quase como um uniforme em qualquer escola, seja nos Estados Unidos, na América Latina ou no Japão. O professor Argemiro diz que apesar de o jeans nascer na classe operária, como uma forma de protesto dos jovens ao usarem

PALETÓ



Paletó e Gravata, saudosismo irreverente

Giselle Chassot

Novos ventos sopram na Capital do Rock. Um grupo que se auto-retrata como "etílico, diletante, multifacetado e sem idade" está revolucionando o cenário musical brasileiro. Não, o Paletó e Gravata não é uma banda de rock. Como numa grande viagem pelo tempo, eles cantam velhas canções e sambas de Noel Rosa, Ary Barroso e Lupicínio Rodrigues. E estão agradando...

O espetáculo "Cantando Ninguém Acredita" — primeira apresentação exclusiva do conjunto — manteve a surpreendente média de 75% de lotação nos quatro dias (25, 26, 27 e 28 de junho) na Sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional. O segredo desse sucesso? De acordo com Adriano Guimarães, produtor do espetáculo, o "Cantando Ninguém Acredita" é um show em que as pessoas riem muito, mas

é um trabalho sério. Já Murilo Grossi, integrante do grupo, acredita que "o show funciona porque cumpre seu objetivo: o entretenimento".

Brincadeira de Bar

José Geraldo Magalhães, Daviwtton Lacerda, Murilo Grossi, José Guilherme Brenner e João Carlos Fontoura eram parte de mais uma turma de amigos, freqüentadora dos bares de Brasília. Nos fins de noite, depois de "algumas" doses de gim (a bebida favorita do grupo) começava a cantoria. E lá vinham os sambões de Noel e as célebres canções de Nelson Gonçalves... Foi assim, de uma grande brincadeira, que nasceu o Paletó e Gravata. "No começo, era Paletó, Gravata e Lencinho Branco de Adereço — brinca José Geraldo — ("Lencinho Branco" é o Daviwtton, o mestre-de-cerimônias do grupo). O pessoal do Paletó, irreverente, afirma que "o

grupo não nasceu, ele sempre existiu. Ou então sugiu de geração espontânea".

Léo Niver, organizador do Jogo de Cena, ouviu uma dessas "apresentações etílicas". E convidou o grupo para uma apresentação no Projeto. E assim, de repente, o Paletó e Gravata se viu fazendo a abertura do último Jogo de Cena de 85. "Foi a primeira vez que nós cantamos com microfone" — lembra José Geraldo. A recepção do público foi ótima, mas de acordo com Murilo "a gente se divertiu muito mais que eles".

Depois da estréia improvisada, o grupo percebeu que "a piada tinha dado certo". E a partir daí, fizeram mais quatro apresentações no Jogo de Cena, uma na Caixa Econômica e uma no Salão Brasília. "O Salão era uma exposição de pintura. O pessoal parou de ver os quadros para rir da gente", lembra José Guilherme.



Elegância, mesmo com band-aid no calcanhar

Gumercindo Milhomem (PT-SP), subia no plenário da Câmara de peito aberto e sem gravata. Na ocasião, a ausência da gravata de Milhomem no plenário virou notícia de primeira página nos jornais.

Mas, para compensar a gravidade dos homens, a indústria da moda impõe os sapatos de salto nas mulheres. **Indemodable**, os sapatos altos atravessaram duas guerras mundiais, calejaram as grandes atrizes hollywoodianas e continuam em alta. "Não consigo usar um vestido de seda, sem calçar sapatos de salto", afirma Esther Sashoua, aluna do Departamento de Economia, que toda vez que sai com um de seus escarpins, arma-se de band-aids e esparadrapos.

Os sapatos altos não ficam restritos aos bolsos de quem pode comprar sedas e linhos. Os saltos nos pés femininos se incorporam ao hábito social e são encontrados tanto na pista de dança da Corte

como em qualquer escritório de contabilidade do Setor Comercial.

E por falar em sapatos, neste último mês o auge da inconveniência do brega-chic invadiu as praias da moda de Brasília. Os pés brasileiros pegaram a onda e entraram de sola nas botinhas da Xuxa. Na verdade, o padrão global já vinha há tempos investindo na bota. A novela Hipertensão da TV Globo, que cedeu lugar a Brega & Chique, mostrou frequentemente a mambembe Karina-Maria Zilda calçada de bota de cano longo. Na época, muita gente copiou a cigana Karina. Mas, depois que a Xuxa "lançou no mercado a sua bota", nove em cada dez moradoras da cidade adotaram o tipo de calçado. Hoje, em qualquer sapataria da W-3 ao Venâncio 2.000, as botas estão à venda em pencas. Por 500 cruzados dá pra levar um par delas: brancas, de napa ou plásticas, todas com o brilho reluzente do Kitsch.

O fenômeno social da moda e o comportamento

uma roupa de vaqueiro, a elite começou também a usar este tipo de roupa tendo em vista o grande poder de imitação das classes de menor poder aquisitivo. "Aí é que está a perversão da moda: a elite se vendo imitada, vestia-se de operário e o operário tentava se vestir como a elite", afirma Argemiro.

O protesto através da forma de vestir teve seus pontos altos no movimento Hippie e no movimento Punk. Os Hippies, segundo Argemiro, começaram a dar um basta neste processo de imitação de estética da classe dominante. E os Punks, que eram desempregados e marginais das ruas de Londres e Berlim, usavam a roupa para

agredir uma sociedade burguesa estabelecida, colocando correntes, argolas e coleiras.

Mas, segundo Argemiro, "a moda é tão perversa que na década de 70, Hippie virou moda. Mulheres da alta classe começaram a usar, em salões elegantes, roupas indianas e iam aos salões de beleza para se descabelar".

Já o movimento Punk, ao ser absorvido pela classe dominante, perdeu a sua proposta original: o protesto. Ao invés da agressão, do desacato à burguesia, o movimento Punk passou a ser elitizado. Segundo o professor Argemiro, "hoje em dia só se encontra Punk no Gilberto Salomão. Hoje os Punks são filhos de embaixadores ou empresários".



Avanguarda da moda nas mãos de um criador

João Carlos Fontoura

A indústria da moda no Brasil coloca-se hoje em segundo lugar na absorção de mão-de-obra, perdendo apenas para a construção civil. Esse fenômeno se evidencia na multiplicação de "griffes" e etiquetas, no surgimento de boutiques e confecções quase que diariamente e, mais recentemente, na atuação maciça das grandes lojas de departamentos, num mercado alimentado por um público avidamente consumidor e que vive uma época onde a moda está na moda.

Nesse processo de massificação, a diversidade é superada pela igualdade dos modismos. A moda passa a ser uma mercadoria supérflua e sujeita ao rápido desuso, necessitando de constante renovação. Para que isso ocorra, um pequeno e desconhecido grupo de pessoas vem trabalhando direta ou indiretamente com moda, criando e recriando as novas formas e estilos que traduzem as futuras tendências que ela irá seguir. Geralmente considerados fúteis e exóticos, saindo diretamente de seus ateliês para as passarelas, encontramos as controvertidas figuras dos estilistas.

Um exemplo que ilustra bem as funções e o desempenho desses profissionais da moda é Eurico Rocha. Um candango que mora em Brasília há mais de 20 anos, ele se considera antes de tudo um criador. Herdando uma tradição artística de seus pais, Eurico acompanhava os trabalhos de costura de sua mãe como "um reprimido aprendiz". Dedicando-se até pouco tempo às artes plásticas, quando realizava exposições de pintura e performance no antigo projeto Cabeças da Função Cultural, desiludido com o panorama artístico da cidade, ele resolveu mudar-se para Paris, onde se decidiu pela moda, frequentando ateliês e cursos livres.

"O estilista, antes de mais nada, tem que ser uma pessoa de vanguarda e intimamente ligada ao que acontece no Planeta, estando sempre adiante das artistas e dos comportamentos das pessoas". Assim define Eurico a principal atitude de um estilista, que além de ser "um bom capitalista", utilizando-se das frutíferas técnicas do marketing, pode e deve se dedicar a um trabalho que interfira diretamente na sociedade, já que "a moda é um fenômeno cultural que tem a capacidade de retratar e até definir a personalidade das pessoas".

Tendo no início resistido aos apelos comerciais de sua profissão, definindo seu estilo como "antimoda" e "anticomercial", Eurico vê como positiva a explosão da indústria da moda, gerando empregos e trazendo benefícios sociais. Prefere, porém, dedicar-se a um tipo de público mais exótico como o de artistas e jovens, que não apelam para qualquer tipo de roupa e comportamento. "Apesar de no Brasil as pessoas no geral se vestirem mal, e de darem muito pouco valor ao meu tipo de trabalho, acredito que a própria moda fará a cabeça das pessoas no sentido de levá-las a ver a roupa não só como um objeto cotidiano e funcional, mas também como a manifestação do seu interior, como um verdadeiro produto artístico".

“A moda é perversa, o pobre imita o rico e o rico imita o pobre”



Modelos e manequins, seduzam-me!!

Paulo Cabral

Luz!
Ação!

Entram em cena os porta-vozes da moda, exuberantes, radiantes, esfuziantes, ofuscantes, delirantes pelas passarelas ou na frente de uma câmera fotográfica, mostrando como são bonitos e elegantes com a roupa que vestem ou com o penteado que sustentam na cabeça.

A profissão de manequim ou de modelo fotográfico não exige apenas um corpinho ajeitadinho, um rostinho engraçadinho e uma pele bem cuidada, é preciso também muita técnica e bastante malícia para entrar com segurança nesse mercado, ao contrário do que acontece aqui em Brasília, onde os organizadores de desfiles preferem "catar" as menininhas bonitinhas da cidade a pagar dois mil cruzados pelo serviço de profissionais. No Rio de Janeiro, por exemplo, as agências de manequins e modelos têm proliferado consideravelmente, o que comprova a seriedade do mercado na cidade "maravi-

lhosa" e irradiadora de moda para todo o País.

A modelo e manequim Ana Cláudia, também professora de futuras profissionais da GICECI Cursos, não se desencana com a desvalorização de sua profissão em Brasília. Para Ana Cláudia, que desde que se entende como gente sonhava em ser manequim, entrou no ramo aos doze anos e pretende chegar às passarelas de Paris, o importante é manter os pés no chão e seguir em frente, pois "tem muito cambalacho nesse meio".

Cantadas e propostas indecorosas é que não faltam, afirmam Ana Cláudia e suas colegas de profissão, Waleska, Lara e Márcia, que já receberam até convites para ir ao Egito, logicamente sem nenhuma garantia das passagens de volta. Mas, no fundo, sempre têm uma pontinha de satisfação em transmitir desejos a outras pessoas.

Entrar nos sonhos dos consumidores não é tão fácil quanto uma simples rebolada, a postura e a disciplina devem acompanhar as profissionais da moda, seja lá qual

for a roupa que lhes for dada para vestir. "Se te derem uma roupa qualquer, de estopa, sem graça, você tem que subir na passarela e se mostrar linda", foi como Ana Cláudia definiu a profissão em relação à moda.

Além de terem o poder de transformar tudo quanto é pano em febre da estação, os manequins e modelos usam da criatividade para criar estilos diferentes a cada roupa que vestem. Segundo Lara, para ser manequim tem que ter senso de ridículo, o curso dá a técnica e a manequim cria o estilo, tanto é que, às vezes, se submete a ameaças de inúmeros alfinetes em sua cintura, devido ao seu manequim 38, raro nas boutiques.

Depois de todo esse esforço, além de sacrificar alguns pratos prediletos para manter a forma, não dá para sobreviver apenas como modelo e manequim aqui em Brasília. Ana Cláudia, Waleska, Lara e Márcia também são professoras de moda, e sabem que têm que preparar um bom pé-de-meia, pois aos 35 anos, fim de carreira, terão que se lançar em outro ramo.

Vindo diretamente de noites nos bares de Brasília, o Paletó e Gravata recria os velhos tempos de Lupicínio e Noel. Tudo isso numa deliciosa mistura de música, teatro e dança. O resultado? Uma grande brincadeira que começa no palco, passa pela platéia e ninguém sabe até aonde vai.

No palco

A idéia de um show exclusivo assustou o grupo. "A gente tinha medo de ser chato". Mas, enfim, o espetáculo foi montado. E foi um sucesso... Tanto que, na última apresentação do "Cantando Ninguém Acredita", o Paletó precisou fazer uma apresentação extra, porque a sala ficou superlotada.

O "Cantando Ninguém Acredita" é um espetáculo no mínimo hilariante. Partindo de recursos simples — iluminação perfeita de James Fensterseifer e nenhum cenário — o grupo consegue criar no palco todo um clima nostálgico nos moldes dos programas de auditório dos velhos tempos do rádio. Um texto bem construído une as canções e conta histórias de

velhos amores. Tudo isso recheado com anúncios engraçadíssimos, como o do Ascaribol e o da Vaseline.

O público? Ri o tempo todo... Segundo Murilo Grossi, "o público ri de aflição: as pessoas vêem o que a gente faz e não acreditam. Eles têm uma relação de empatia com a gente. É como se vissem num espelho. E percebendo a nossa angústia e nossos sorrisos sem jeito a cada vez que erramos, eles acabam se colocando no nosso lugar e, como nós, rindo para disfarçar".

O Paletó e Gravata, que baseia suas apresentações na sua própria graça e nas vozes de seus integrantes, gosta de afirmar que são necessários três neurônios para fazer o show:

"O primeiro para dançar, o segundo para cantar e o terceiro para lembrar das letras. Depois, o condicionamento acaba juntando tudo".

Irreverente, engraçado e muito competente, o grupo já tem vários outros espetáculos marcados e pretende esgotar o "Cantando Ninguém Acredita" para então pensar num novo show. Enquanto isso, o Paletó estuda a proposta do diretor Alexandre Ribondi, que pretende dirigir o grupo num "show erótico" de sua criação.

Mesmo com todo esse sucesso, o grupo afirma que continua brincando. Segundo eles, "a idéia do Paletó e Gravata é levar o banheiro para o palco. Afinal, quem aí nunca cantou no banheiro?"



LOBÃO SIDNEY



O Brasil é feito também por muita gente que não tem instrução, de muita gente que vive no campo, de muita gente humilde... Então, tem que ter música pra todo tipo de gente.

Lobão livra-se das grades e uiva alto

Militão Ricardo

Em meio a um verdadeiro "samba do crioulo doido nacional", onde o Presidente é apedrejado e a Constituinte ameaçada, desembarca em Brasília recém-saído de uma estada na prisão, como bode expiatório da moral familiar, o cantor e compositor Lobão, que botou a boca no microfone: abaixo a mediocridade!

O Lobo foi solto em Brasília! Após 25 dias na prisão em meio a uma discussão sobre moral, justiça e liberdade, o cantor e compositor Lobão deu o seu primeiro show justamente na Capital Federal. O Circus-Show foi lotado pelas pessoas atrás da "novidade". A imprensa assediou o compositor que aproveitou para fazer de tudo isto um "comício libertário". Mas... será que foi mesmo isso?

Expectativa

Óbvio dizer que a entrevista coletiva foi recheada de perguntas sobre o período na cadeia e sobre a conjuntura nacional. Lobão é conhecido por sua imagem de "inadimplente", irônica e debochada, embora sempre inteligente e espirituoso em suas intervenções. Desta vez, porém, notava-se a sua preocupação em mostrar mais sua face séria e, consequente. "Agora eu entendo melhor o novo disco. Agora eu canto realmente com raiva", disse. "Não sei mais a quem pedir segurança. Estão armando a polícia e ela está matando gente inocente. Apedrejar o presidente foi uma reação natural de quem está sendo metralhado", acrescentou. Sobre a reação dos artistas à sua prisão, ele falou: "Muita gente se mobilizou por mim. A classe artística se solidarizou. Isto foi importante no sentido pessoal e no da união da classe". Por fim, concluiu: "Eu tô com medo de ficar no Brasil. Quero sair desta panela de pressão".

Porém, logo usou um tom mais irônico quando propôs ao presidente Sarney que renunciasse e convocasse eleições diretas: "... posso ser porralouca, mas agora estou falando sério, presidente", disse para as câmeras de TV.

Rock no Brasil

Eis algumas respostas exclusivas para o Campus:

Sobre o caráter de seu novo disco — Vida Bandida: "Tem inovações no meu disco. Eu vivo com a minha modernidade: não corro atrás dela".

Sobre a moda de bandas inglesas: "Pra quem faz é um prato cheio. O Brasil vive uma ocasião de 'Rendez-Vous' terceiro-mundista. O 'Echo an the Bunnimen' é muito ruim, mas as pessoas mitificam. Não é moderno. É precário. Tem muita gente imitando a dramaticidade canastrá do Renato Russo".

Sobre o Rock brasileiro: "Atualmente a qualidade foi trocada pela quantidade. Mas pode ir em frente se for bem administrado. Vai deixar de ser 'Rock and Roll' para ser Rock brasileiro. Eu procurei misturar ritmos no disco. A MPB é muito linda".

O show

Chega enfim o momento esperado. O Circus está lotado de adolescentes "que vieram porque não tinham nada para fazer", jovens brigões e até alguns adultos que não queriam ir à Festa dos Estados. Todos na expectativa de um pronunciamento bombástico do Lobão, embora neguem que vieram por causa disto. O show começa com uma hora e vinte minutos de atraso. A banda "Os Apedrejados" dá os primeiros acordes. Lobão entra no palco. Frisson geral. "Vida Bandida" abre o show. Bom som, ótima luz. Alta voltagem no ar. O lobo finalmente está livre! O público delira. Lobão faz o esperado: fala, xinga, ironiza, como sempre fez. Toca o Hino Nacional, pede diretas já, etc. Ele voltou ao normal... "Panis et Circensis". O público teve tudo que esperava. Tudo previsto, tudo no script... (que tédio).

Um detalhe: quando Lobão pegou o violão para mostrar músicas novas, a "geração Coca-Cola" virou as costas e começou a conversar. Não estava no script... mas foi só tocar um sucesso de rádio (uma música de trabalho) que todo mundo ficou louco de novo. Não há mais raciocínio. Só reflexo condicionado. Será que adiantou alguma coisa, Lobão?

Andréa Moraes e Susana Dobal

Alto, forte, carioca, geminiano, advogado, 34 anos, gosta de Ivan Lins, Ultraje a Rigor, mangas bufantes e cores fortes. Ele passou quase dois anos na Itália, fazendo shows antes de gravar o seu primeiro disco, e como lá as pessoas pronunciavam Magalais em vez de Magalhães, o empresário achou melhor abreviar o nome. O personagem é Sidney Magal, cigano por estilo e brega por opção.

Campus: Por que o estilo cigano?

Magal: Isso foi uma coisa que nasceu, não foi uma opção. Eu comecei a fazer um trabalho bem popular e de repente ele foi se voltando para esse lado devido às minhas características, o meu tipo físico, as roupas coloridas, as mangas bufantes e tal. Então as pessoas começaram a me achar parecido com um cigano e eu terminei gravando a Sandra Rosa Madalena que era uma homenagem aos ciganos. Depois disso a imagem pegou.

Campus: Você nunca pensou em tocar violão sentado num banquinho?

Magal: Eu nunca pensei, não, eu já cantei com alguém tocando só um violão num show no teatro João Caetano, no Rio. Isso realmente é bonito, é um momento interessante na carreira da gente, mas não me diz muita coisa, porque eu sou uma pessoa de muito pique. Se eu ficasse num banquinho cantando, o mínimo que ia acontecer é que eu ia cair do banco...

Campus: No começo de sua carreira você cantava outro tipo de música, Domingo no Parque...

Magal: E inclusive no espetáculo que eu fazia quando fui convidado pra gravar meu primeiro disco era "O Rio amanheceu cantando", que era a vida e obra de Braguinha. Na época cantava eu, Elizeth Cardoso MPB 4 e Quarteto em Cy. Era um negócio completamente diferente do estilo Sidney Magal, era música popular brasileira pura mesmo... E foi realmente uma opção de trabalho mudar de estilo, porque eu queria uma coisa bem maior, bem mais Brasil, e se eu continuasse cantando música popular brasileira no

Rio de Janeiro, dificilmente eu atingiria o Brasil como eu atingi. Então o que eu estava procurando era realmente atingir mais pessoas e transformar o meu trabalho como uma coisa útil para o coração das pessoas...

Campus: A crítica te discrimina por fazer música para o povão?

Sidney: Demais, demais... Eu acho que inclusive a crítica começa agora a melhorar talvez porque as pessoas têm que se conscientizar que o Brasil não é só feito de Rio de Janeiro e São Paulo, de universidades... O Brasil é feito também por muita gente que não tem instrução, de muita gente que vive no campo, de muita gente humilde... Então tem que ter música pra todo tipo de gente, e a minha música serve exatamente pra esse tipo de pessoa mais simples, que está querendo somente se alegrar sem pensar e se preocupar com grandes mensagens musicais ou grandes letras. E preciso acabar isso, essa discriminação, pra que a gente possa ter de tudo um pouco. Pra mostrar que a música popular brasileira é realmente riquíssima, como também está sendo agora a música sertaneja, mostrando o seu grande valor e saindo até pra fora do Brasil.

Campus: E o rock no Brasil? Tem também espaço pra ele?

Magal: Bem, como eu não poderia deixar de dizer, é lógico que tem espaço para rock no Brasil, como eu já disse que tem espaço para qualquer tipo de música... O que acontece é que o rock brasileiro ainda é muito medíocre, porque nós tivemos sempre muita informação do rock americano e do rock inglês que são rocks perfeitos, com instrumentais de primeiríssima linha e o rock brasileiro está com muita gente medíocre tentando inclusive imitar o rock que vem de fora. Eu gostava muito do trabalho que a Blitz fazia porque era um rock tipicamente brasileiro, um rock irreverente, como o Ultraje a Rigor também faz: uma coisa bastante crítica, bastante gostosa, bastante debochada. Agora quem tenta fazer um rock sério pra mim, é meio ridículo porque vai demorar muito pra fazer um rock de verdade.

Campus: Já te chamaram de brega?

Magal: É lógico, me chamam o tempo todo. E eu costumo dizer que nessa história de brega e chic eu sou O Outro. Eu acho que não existe isso em termos de músico e em termos artísticos de uma maneira geral. Você pega uma pintura de um pintor simples que vem do interior da Bahia e ele pode se transformar na coqueluche do momento, e ser uma pessoa altamente chic, se transformar num

grande pintor e não ter nenhuma estrutura para isso. Isso são adjetivos que inventam para qualificar o que você gosta e o que você não gosta. Agora se falar que existe muita coisa chic num país com todos esses problemas que estamos passando, é uma incoerência porque não temos condições de ser chic em momento algum.

Campus: Qual é o seu público?

Magal: Quem curte Sidney Magal é toda pessoa que tem um sentimento muito simples, que acha que a vida foi feita para se viver, para se alegrar, para se amar, é disso que as minhas músicas falam. Então, independente de qualquer classe, classe A, B, C, D e pelo visto chegar às classes X, Y, porque está decadente a população brasileira devido aos problemas que o governo — está nos colocando, independente disso quem gosta de Sidney Magal é quem gosta de alegria, música, amor.

Campus: A imagem de símbolo sexual incomoda?

Magal: Já me taxaram várias vezes, já fizeram matéria de jornal nesse sentido e isso não me incomoda absolutamente porque é mais uma coisa que o meu trabalho inspirou em alguém. Você sendo uma pessoa pública, você se sujeita a comentários e tem que aceitar isso numa boa, são pontos de vista. Muita gente me considera assim, eu acho que isso é válido porque é sinal que o meu trabalho transmitiu isso. As outras pessoas que me consideram tão-somente um bom cantor, eu também agradeço porque isso faz parte do meu trabalho.

Campus: Que tipo de música você escuta?

Magal: Eu não sou radical em termos de música porque eu acho uma ignorância quando você discrimina, eu gosto daquilo, eu não gosto daquilo outro. A música sertaneja, por exemplo, tem sua importância quando você vai para uma fazenda e de repente você é uma pessoa muito chic mas ia ser meio ridículo cuidar dos cavalos e ouvir The Cure ou Sting. Fica muito mais de acordo ouvir uma música sertaneja de boa qualidade porque o momento vai ser vivido com mais intensidade. Em casa eu tenho todo tipo de música e o meu compositor preferido é o Ivan Lins, que eu considero o maior compositor atual da música popular brasileira. Fora disso todos os demais compositores e cantores, eu tenho um disco na minha casa e em cada momento que eu sinto necessidade deles para me alegrar, para me entristecer ou para me fazer pensar, eu os uso. Eu acho que a música é para isso, para ser usada quando a gente precisa dela.

"Eu tô com medo de ficar no Brasil. Quero sair desta panela de pressão. Eu detesto bigodes".

"Eu vivo com minha modernidade; não corro atrás dela. O'Cure' e o'Echo and The Bunnimen são muito ruins".



PARANOÁ

Finalmente começa a despoluição do lago

Ruth Frota

Virou realidade um sonho antigo dos brasilienses: o lago Paranoá vai ser despoluído. O Programa de Recuperação do Lago Paranoá consiste numa série de medidas na área de saneamento básico que, associadas a outras de proteção e recuperação de recursos hídricos, tornará possível a devolução das características iniciais do lago. O Programa de Recuperação começará daqui a um mês, devendo ser concluído no prazo de 33 meses, e custará cerca de 100 milhões de dólares, oriundos de financiamentos do Banco Mundial, Caixa Econômica Federal e Banco de Brasília. A obra, realizada em duas fases — melhoria no tratamento dos esgotos das estações norte e sul e construção de novas redes e interceptores — beneficiará 750 mil pessoas e criará 15 mil empregos. A licitação a nível mundial, aberta somente à primeira etapa, já conta com três

empresas nacionais interessadas pelo programa. **Problema** O processo mais crítico de degradação do lago Paranoá é o de eutrofização, causado pela excessiva carga de detritos de toda espécie lançada diariamente no lago. Este processo tem como conseqüências a floração de algas azuis (*Microcystis aeruginosa*) — a proliferação excessiva de algas em 78 produziu mau cheiro em todo o Plano Piloto, proliferação de plantas aquáticas, mortandade de peixes e sérios riscos de doenças. O combate ao fenômeno da *Microcystis* se faz com o sulfato de cobre, um algicida, que evita sua propagação no lago, cuja superfície já está tomada em 60% pelas algas. Porém, no entender da superintendente de Proteção Hídrica da Caesb, Irene Alfafin Masini, o controle emergencial por

algicida é um paliativo, pois "enquanto houver nitrogênio e fósforo em grandes quantidades no lago, a *Microcystis*, cujo apodrecimento causa o mau cheiro, continuará a se expandir", mesmo porque a aplicação do sulfato de cobre tem seu limite, ou seja, 0,25 mg por litro. **Histórico** O Programa de Recuperação começou a ser idealizado em 1976, quando consultores suecos e o engenheiro ambiental húngaro Lazlo Sonlyody, que ainda hoje se encontra no Brasil, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), diagnosticaram a situação do lago Paranoá, constatando que sua principal fonte poluidora continuava sendo a falta de tratamento adequado dos esgotos, processados pelas estações de tratamento norte e sul (ETEs), que

desembocam nas águas do lago desde 1961. Devido às condições biológicas e climáticas semelhantes e propícias à *Microcystis*, existentes entre o lago Paranoá e os sul-africanos, a Caesb recebeu em 1977 um grupo de cientistas daquele país, que veio a Brasília especialmente para estudar os problemas de seu lago artificial. O trabalho durou seis meses, resultando numa avançada estação-piloto de tratamento de esgotos, que cumpriu o seu papel despoluidor e serviu de base para o atual Programa de Recuperação do lago Paranoá. "Os técnicos do PNUD detectaram a origem do problema e os cientistas sul-africanos estudaram como tratá-lo", resumiu Irene Masini. Os consultores do PNUD acompanharão periodicamente o processo de despoluição do lago Paranoá, que prevê, além da

ampliação das ETEs, uma reavaliação da capacidade de adensamento populacional e novas diretrizes quanto à ocupação e uso do solo em suas margens. Cientistas brasileiros, a partir de agora, também viajarão ao exterior, visando o aprendizado de técnicas avançadas no estudo dos lagos. Após o Programa de Recuperação, a qualidade da água para consumo melhorará sensivelmente, graças a uma bacia lacustre menos poluída. Segundo Irene Masini, o adensamento do lago Paranoá deve ser hoje motivo de muita consideração por parte das autoridades públicas. "Devemos refletir sobre o projeto de expansão do Plano Piloto aprovado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo, pois o lago, com os seus recursos hídricos quase esgotados, talvez não suporte uma sobrecarga de detritos. Tal excedente, a curto prazo, poderá inviabilizar o Programa de Recuperação", concluiu Irene.

Assustador. No DF, 90 mil crianças sem assistência

Astrid Carvalho

Rodoviária, Setor Comercial Sul, estacionamentos de supermercados de Brasília. Devido ao grande fluxo de pessoas que passam por estes locais todos os dias, a população carente da cidade resolve vender doces, engraxar sapatos, lavar carros, enfim, trabalhar nestes locais. Dentre estes trabalhadores autônomos muitos são menores que trocam os estudos para poderem ajudar suas famílias.

E esses menores que se vê nas ruas da cidade são apenas um pequeno número dos 44 milhões que vivem em todo país. A Funabem, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, é o órgão que os apóia.

Funcionando em uma linha de políticas sociais compensatórias, o órgão atinge a um contingente da população marginalizada pela sociedade e um pouco esquecida pelo Governo, pois as crianças deveriam ter assegurado o direito à escola, saúde, habitação, cultura e preparação para o trabalho. Já que isto não acontece, surgem então as entidades sociais criadas pelo próprio Governo para suprir as carências da população.

Somente no Rio de Janeiro, onde funciona a sede, o atendimento é direto. Nos outros estados, o órgão funciona através de suas representações, firmando convênios e contratos com entidades governamentais e particulares, repassando recursos técnicos e financeiros visando atender o menor carente.

Em Brasília, 220 menores pertencem a famílias com renda de até dois salários mínimos e 10 mil 728 a famílias sem qualquer renda. O

Além de precisar trabalhar para ajudar no sustento da família, o menor sofre a discriminação social e se torna uma criança revoltada que muitas vezes acaba caindo na delinquência.

total de carentes na cidade é de 90 mil, dos quais 10% completamente abandonados. Os outros 81 mil têm família, porém vivem sem as mínimas condições de educação, saúde, alimentação e até mesmo de carinho. Sem essas condições, o menor vai para as ruas trabalhar e ajudar sua família, deixando os estudos e a infância. Os menores que levam vidas irregulares correm o risco de cair na delinquência, mas antes disso já são marginalizados pela sociedade.

O atendimento ao menor em Brasília é feito pela Fundação de Serviços Sociais, que mantém em todas as cidades-satélites Centros de Desenvolvimento Social - CDS, funcionando como escola onde promovem vários programas educacionais. Os CEBEMs, Centros de Bem-Estar do Menor, também pertencem à FSS e além de assistência pedagógica oferecem recreação, alimentos e reforço escolar, em horários complementares ao da escola convencional onde o menor estuda. Em Taguatinga, existe o Centro de Recepção e Triagem para atender os menores carentes e abandonados. No Gama, os menores infratores são encaminhados pelo Juizado de Menores à Coméia para recuperação com trabalhos de assistência social através do aprendizado de profissões, com o objetivo de promover a reintegração do menor à sociedade, dignamente. Existem também os núcleos de convivência espalhados no DF, com infra-estrutura para abrigar oito menores e um responsável. Esses menores levam uma vida como qualquer pessoa e são assistidos e orientados pelo responsável.

Uma comissão, formada por membros da Funabem e outras entidades que prestam serviços de assistência à população carente, pretende inovar e criar novos programas para incrementar o atendimento ao menor, fazendo com que este tenha garantida a sua integração na sociedade, vivendo sem preconceitos.

Apenas salário está congelado

Valéria Cristina Castanho

Decretado numa sexta-feira à noite, o novo Plano Cruzado caiu como uma luva. O Governo queria mesmo descobrir uma fórmula mágica para acabar com o gatilho salarial... e conseguiu. Porém, somente mesmo o salário ficou congelado, pois durante o final de semana logo após a decretação do Cruzado III, os preços subiram como num toque de mágica.

Não foi difícil perceber as remarcações durante o final de semana, pois os próprios donos e funcionários de estabelecimentos comerciais não faziam questão de esconder suas intenções. Em pleno sábado e domingo à noite, as lojas ostentavam suas luzes acesas — sinal claro de atividade — e as remarcações corriam noite a dentro. Foi o que aconteceu na farmácia Santa Rosa da SQS 303, que no domingo à noite majorara todos os seus preços.

Durante a vigência do Cruzado I, qualquer movimento era suspeito e os fiscais não davam folga, pois as denúncias não paravam. Desta vez, os fiscais do Sarney estão meio descrentes: eles param, olham, pensam... "Será que eu devo denunciar?" Pois bem, os que decidiram tomar providências nada conseguiram, pois a Sunab não trabalhou naquele final de semana.

Ao contrário do primeiro plano econômico do governo, que provocou uma grande demanda para uma pequena oferta de produtos, o Cruzado III chegou numa época em que há uma grande oferta, porém uma pequena demanda — o comércio está vazio. A crise alcançada até agora fez com que muitos funcionários fossem despedidos, levando o índice de desemprego a aumentar em todo o País. Com a decretação das novas medidas, o comércio de Brasília estagnou mais ainda suas atividades, pois a morosidade do Governo em fixar as listas de preços para a cidade, que só saiu dia 27, duas semanas depois da decretação do



Plano Bresser, fez com que os donos de supermercados suspendessem os pedidos de renovação de estoque. Segundo o vice-presidente da Asbra (Associação de Supermercados), Edson Mendonça, as novas tabelas que os supermercados receberam das indústrias já estavam majoradas em mais de 40 por cento, porém para os supermercados os preços no varejo continuavam os mesmos. Edson Mendonça disse ainda que se esta situação persistir, dentro em breve começarão a faltar produtos básicos nas prateleiras. Além disso, a tabela de preços deixou muito a desejar. Contendo apenas 34 produtos, pelo menos a metade dela poderia ser substituída por produtos considerados mais básicos como, por exemplo, os derivados de farinha de trigo e do leite.

Preços defasados

O pão é um produto que se não for aumentado imediatamente, começará a faltar na mesa do brasiliense. Segundo a lei, os

panificadores são obrigados a fabricar o pão francês diariamente; porém o que eles alegam é que não têm condições de comprar a farinha de trigo, que com o corte no subsídio do Governo, foi aumentada em mais de 400 por cento. Segundo o presidente do Sindicato da Indústria de Alimentação de Brasília (Siab), Gláucio de Castro Neto, o aumento de 35,7 por cento decretado pelo governo não foi suficiente e o setor precisa de um novo reajuste para minimizar um pouco as perdas dos panificadores.

As farmácias também poderão fechar suas portas. Somente neste ano, este setor já contou com um aumento de cerca de 150 por cento, porém os farmacêuticos afirmam que os atuais preços continuam defasados. A verdade é que desde a decretação do primeiro plano cruzado, o setor já sofreu grandes perdas, como a falta de remédios, presente durante quase toda a vigência do Cruzado I e II e a perda da clientela, que tem procurado cada vez mais meios alternativos,

como as farmácias homeopáticas. Além disso, os aluguéis dos pontos comerciais subiram muito e os proprietários de farmácias não estão conseguindo equilibrar suas novas contas com os atuais lucros que obtêm.

Outra crise que já começa a ser sentida em Brasília é a falta de carne. Desde o congelamento do dia 12, vários preços têm sido majorados, mas mesmo assim a carne já começa a faltar. Agora, com a liberação do preço da carne de primeira, espera-se que os supermercados voltem a vendê-la normalmente. Porém, uma grande preocupação por parte do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes é que a carne clandestina volte a invadir o comércio de Brasília.

O Salarizado

O salarizado está com as mãos amarradas. O salário mínimo está muito baixo e com isso, a cesta básica se transformou num luxo.

Donas-de-casa pesquisam

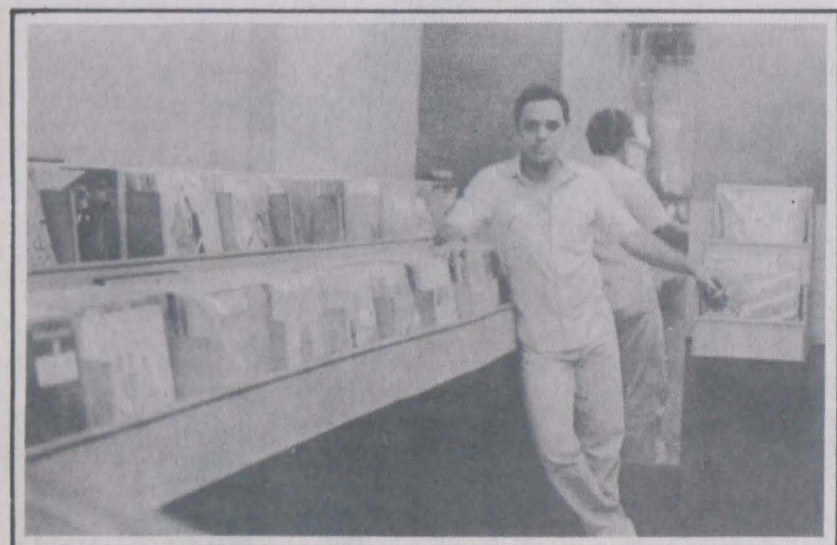
Se todas as donas-de-casa fossem iguais à Vera Santana, com certeza na dia seguinte à decretação das novas medidas do Governo, Brasília já teria sua tabela de preços em mãos. Entretanto, Vera disse que não é fiscal do Sarney, mas sim fiscal do seu bolso e do bolso do consumidor do Distrito Federal.

Presidente da Associação das Donas-de-Casa, que além de contar com a colaboração de mais de 500 inscritas, conta também com as donas-de-casa de todo o Distrito Federal, Vera Santana e suas colaboradoras saem todos os dias fazendo um levantamento de preços nos supermercados de Brasília. "O termômetro dos preços é o supermercado", diz Vera.

De acordo com a pesquisa de Vera, os produtos que mais diferem de preço de um supermercado para outro, chegando a ter até 100 por cento de diferença, são o café solúvel, o papel higiênico, o creme de leite Nestlé, o sabão em pedra, o sabão em pó e os inseticidas.

Vera acha que a morosidade para se divulgar a tabela de preços foi a falta de competência do Governo e alerta: "O presidente tem que dar uma revirada doída na Sunab". Porém, ao ser indagada sobre se o Plano Bresser iria dar certo, Vera disse que acreditava nele, pois as medidas estavam certas "apesar de serem anti-sociais", acrescentou Vera. Ela disse que se o Cruzado III for levado com seriedade pelo Governo, ele vai dar certo, e disse mais: "O Brasil precisa andar".

Disco Clube: idéia que deu certo



Raul Prates investiu numa novidade e se deu bem aqui na Capital. O seu Disco Clube é único no País e a cada dia vem conquistando mais associados. Uma opção prática e barata para quem curte música.

Valéria Borges A idéia de fazer um Disco Clube em Brasília partiu do microempresário Raul Prates Pinheiro Filho. Recém-formado em Administração de Empresas, ele apostou no negócio e se deu bem. Assim nasceu o "Flirts Disco Clube", que segundo o seu proprietário, "é o primeiro e único Disco Clube do Brasil, pois registrei a minha idéia e não vendo de forma alguma".

O "Flirts Disco Clube" foi inaugurado em abril de 84 e funciona no Cine Centro São Francisco, na 102/103 Sul. Começou com aproximadamente 350 discos e hoje tem em torno de seis mil. São quatro mil associados, que pagam uma taxa mensal de 250 cruzados e têm o direito de pegar quatro discos por dia, ficando com eles durante quatro dias. No caso do atraso na entrega dos discos, é cobrada uma multa de 2% ao dia, sobre o valor da mensalidade.

Para se associar ao Disco Clube é necessário ser maior de 18 anos

e ter um equipamento de som razoável. A taxa de inscrição é de 750 cruzados mais a primeira mensalidade. Este dinheiro é gasto na manutenção do Disco Clube e na compra de novos discos, muitos deles de colecionadores. Segundo Raul Filho, o Disco Clube é uma alternativa para quem gosta de música, ouvir um som de boa qualidade, tendo um custo mínimo.

Além dessas vantagens, o Disco Clube ainda informa e orienta os associados na compra de equipamentos de som, dando assistência técnica. Uma recomendação do proprietário, quanto à conservação dos discos, é não passar nenhum produto químico. O ideal é ouvir o disco molhado, porque diminui a força de atrito entre o disco e a agulha, tirando assim, qualquer ruído incômodo. "A água diminui a eletricidade estática do disco, não permitindo a atração de poeira". Estas são dicas do proprietário para que não haja danos nem no disco nem na agulha.

Gilberto Cunha, morador do Cruzeiro, foi um dos primeiros associados, e se diz satisfeito com as vantagens oferecidas pelo Disco Clube: "Pra mim é ótimo ser sócio do Disco Clube, porque eu curto muito música, e o preço dos discos é muito alto. Aqui sempre encontro discos que procuro. Não tenho preferência por um determinado estilo de música, gosto de um pouquinho de cada coisa. A minha intenção é conhecer os cantores e ter um contato mais íntimo com os mais variados estilos".

A faixa etária dos associados varia muito. Na sua maioria, são pessoas que moram nas imediações, pois é muito difícil para as pessoas que moram nas cidades-satélites manter a rotatividade dos quatro dias, com pontualidade. Mas isso não descarta a possibilidade de acesso ao Disco Clube, que tem a sua localização privilegiada: fica quase no centro da cidade, tem um ponto de ônibus em frente e um espaçoso estacionamento.



No aterro de Taguatinga, quem cata mais, fatura mais

Catadores de lixo, alvo de demagogia

Aliene Coutinho

As freqüentes visitas do secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, ao aterro sanitário de Taguatinga, Lixão, ficaram sem sentido, já que ele tem ido àquele local para prometer algo que nem ainda se viabilizou: a construção de usinas de triagem. O superintendente do SLU, Gesner Tomé disse que o projeto das usinas só foi encaminhado à Secretaria de Serviços Públicos no início de junho.

É que o secretário Adolfo Lopes, mesmo antes dessa data, tem garantido às pessoas que moram e tiram seu sustento do lixo, que muito em breve as mini-usinas serão construídas, possibilitando em sua fase inicial empregos para até 60 pessoas com pagamentos fixados em torno de dois salários mínimos. «O secretário Adolfo, apesar das boas intenções, parece que não entendeu muito bem o projeto», salientou Gesner Thomé. «A proposta de construção das usinas existe, mas não se sabe se será aprovado, e se aprovado, onde será implantado».

Além de garantir a construção, Adolfo Lopes faz durante as visitas um trabalho que ele classifica como de «conscientização». Conversa com cada uma das 100 famílias que moram na Vila do Lixão e diz que o sistema adotado para as usinas será de cooperativa, onde as pessoas que trabalham na área serão aproveitadas, recebendo salários dignos, assistência médica e facilidade na compra de alimentos a custo de atacado e financiamento para a sonhada casa própria.

O secretário faz também denúncias de que o lixo hospitalar está sendo jogado irregularmente naquela área, onde crianças e velhos convivem em perfeita harmonia com ele. Para o superintendente do SLU, «isto é um absurdo». «O lixo hospitalar tem um lugar apropriado para ser depositado, e normalmente o mesmo é incinerado na Usina Central de Tratamento de Lixo que fica no Setor P Sul da Ceilândia».

Numa coisa todos concordam: o lixo de Brasília não deveria ser enterrado. Das 900 toneladas diárias de lixo coletadas na cidade, 10 por cento é retirado clandestinamente na origem, ou seja, por catadores clandestinos. Essa triagem feita pelos catadores representa pouco em relação ao que se processaria com as mini-usinas, que tendo a função de fazer uma pré-triagem, faria com que as duas usinas da cidade industrializassem 850 toneladas por dia de lixo, transformando matéria bruta em materiais químicos ou orgânicos, podendo tornar Brasília uma grande produtora de adubo.

Financiamento

O projeto para a construção de 15 mini-usinas com capacidade para 60 toneladas por dia teria um custo de 120 milhões de cruzados, e quem financiaria seria o Banco Nacional para o Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES. Porém, o diretor do BNDES, Carlos Lessa, declarou à imprensa, no último dia 24, que o projeto é viável e a verba para sua realização seria facilmente liberada, mas até aquela data ele não havia recebido nenhum pedido de financiamento do GDF para a construção das usinas.

Moradores

A maioria dos moradores do aterro sanitário de Taguatinga está entusiasmada com a ideia das usinas, mas critica o salário assegurado pelo secretário Adolfo Lopes, cujas visitas já se tornaram comuns para eles. O salário é considerado pouco pelos profissionais do ramo, que preferem ser autônomos, principalmente aqueles que vivem há muitos anos da coleta de

lixo, como dona Dorzina, 42 anos, 9 filhos, vinda de Patos de Minas há 15 anos. Para ela, só compensaria trabalhar na usina se fossem pagos salários de no mínimo 5 mil cruzados, pois semanalmente ela tira de 600 a 800 cruzados.

Dona Raimunda Lima, 34 anos, seis filhos, concorda com a companhia de trabalho: «Aqui trabalham dois dos meus filhos. Há anos não compramos roupas, calçados, tiro tudo do lixo e ainda ganho por semana quase um milhão». Para seu Geraldo, 48 anos, o emprego não rende muito, mas ele explica: «Sou doente da perna e da cabeça e só consigo trabalhar o suficiente para não passar fome com meus quatro netos».

«Eu também tiro pouco, numa média de 300 cruzados por semana, mas não me preocupo. Só trabalho aqui para fazer bico nas férias», concluiu Narciso Pinto, 24 anos, funcionário do SLU, morador da Vila do Lixão.

Susana Dabal



Para todas essas pessoas, a sobrevivência vem do lixo

Brito: experiência de um campeão em Brasília

Marcus Vinícius

Quando se fala na seleção brasileira tricampeã em 1970, no México, a torcida nacional relembra, com saudade, uma época onde os títulos eram uma constante para o futebol brasileiro a nível internacional. Um futebol, vistoso que empolgava a todos. Foi nessa época, graças aos gols de Pelé e Jairzinho, aos lançamentos do meio-campo Gérson, aos dribles de Tostão e a «Patada atômica» de Rivelino que o Brasil chegou ao auge nesse esporte. Muitos se esquecem, porém, que para que esses craques fizessem os gols e as jogadas que marcaram aquela conquista, alguns outros valeram-se de um esforço muito grande para desempenhar a ingrata tarefa de evitar os gols adversários. E por isso que jogadores como o goleiro Félix e os zagueiros Brito e Piazza, que garantiram a retaguarda da equipe brasileira, permaneceram em segundo plano na memória dos torcedores.

Um deles, no entanto, vem ganhando espaço a cada dia não só na mente como também no coração de uma torcida muito especial. E simplesmente Brito, ex-zagueiro central titular do time campeão em 70 e que atualmente é técnico da equipe do Ceilândia Futebol Clube e da seleção de Brasília, que se prepara para disputar o campeonato brasileiro de seleções que terá início ainda em julho. Mas qual teria sido a trajetória deste experiente jogador até

os campos do Distrito Federal e qual suas opiniões e esperanças sobre o futebol do Brasil?

Vasco da Gama

A carreira de Brito teve início em 1954 quando um funcionário da base aérea do Galeão, amigo de sua família, levou-o para fazer um teste no Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, onde depois de oito treinos foi aprovado e contratado para equipe juvenil. Nesta época tinha apenas 16 anos de idade. Três anos depois, o técnico do Internacional de Porto Alegre, Martin Francisco ex-treinador do Vasco, solicitou o empréstimo do jogador junto à diretoria do clube carioca. O Vasco negou e Brito, inconformado, chegou a fugir do clube para tentar a sorte no sul. Depois deste contratempo, os diretores cederam e o jogador passou toda a temporada defendendo a equipe principal do Inter.

Terminado o empréstimo, ele voltou para o Vasco onde foi titular da zaga central durante mais 11 anos. Depois jogou ainda no Flamengo, Cruzeiro, Botafogo, Corinthians, Atlético Paranaense e algumas temporadas em Caracas, na Venezuela, e Montreal, no Canadá, para encerrar sua carreira em 1974.

Copa de 70

A torcida, ou pelo menos boa parte dela, acredita que será muito difícil formar outra seleção campeã como a de 1970. Brito discorda em termos desta afirmação. «Existem bons jogadores. O que não está tendo é organização por parte dos

dirigentes» diz ele. Essa falta de organização por parte da cúpula reflete diretamente nos jogadores e, segundo Brito, pode levar ao desinteresse e a desmotivação.

A equipe de 70 serve de exemplo em outros termos como em união entre os jogadores e dirigentes. «Os cartolas não se isolavam dos jogadores como se fossem os maiores» diz Brito. A figura representativa daquele tempo era João Havelange, hoje presidente da FIFA, um homem que por seu trabalho e seriedade está, sem dúvida, fazendo falta na direção do futebol brasileiro. Sobre a recente desclassificação da equipe nacional na Copa América, as observações de Brito são poucas: «Foi uma vergonha. Ainda bem que não foi para a Argentina. Se jogasse contra eles daquele jeito, nós tínhamos levado seis ou mais».

A presença de Brito no futebol de Brasília animou um pouco a torcida, em especial a do Ceilândia, que tem prestigiado muito a todos os jogos do time. Este prestígio deverá aumentar agora com a possibilidade do time chegar às finais do terceiro turno do campeonato e a decisão do título. Diante de todo carinho dos torcedores, da liberdade que os dirigentes oferecem para a realização do seu trabalho e da perspectiva de melhorar o futebol de Brasília, Brito só tem uma tristeza: «Me arrependo de não ter vindo antes». Mesmo assim, nunca é tarde para que a estrela de um campeão do mundo venha iluminar o futebol local.

Augusto Rodrigues

Apesar da crise econômica, o turismo em Brasília apresenta atualmente um crescimento em torno de 35% em relação ao ano passado. As novas agências de viagens, os novos hotéis, os pacotes e as campanhas turísticas, formam um perfil de uma nova realidade para a cidade: Brasília é viável para o turismo.

O mercado turístico da cidade se desenvolve de maneira substancial em relação ao mercado nacional, tendo como característica maior, a tendência natural de se tornar um pólo de captação de congressos e outros eventos de rápida concentração.

Crescimento

Para se ter uma ideia do real crescimento do setor, o fluxo de entradas de hóspedes nos hotéis da cidade classificados pela Embratur, que vai de uma a cinco estrelas, foram: em 1984 de 281.658 hóspedes; em 1985 de 335.839 hóspedes e de 1986 de 414.472 hóspedes. Verificou-se então que o mês de maior pique foi julho, com 41.131 hóspedes, e o de menor pique, fevereiro, com 25.016 hóspedes.

Com todo esse fluxo, a rede hoteleira também obteve um crescimento significativo nos últimos três anos, totalizando 31 hotéis, assim distribuídos: três de cinco estrelas; seis de quatro estrelas; doze de três estrelas e dez de duas estrelas.

As agências de viagens tiveram também o maior crescimento já

Turismo cresce mesmo com crise econômica

verificado no setor: de 60 agências em novembro/86, passaram para 125 em junho/87, tendo como maior cliente o governo federal, em relação à compra de passagens aéreas.

Política

Os maiores problemas do setor, segundo Maria Eulália Franco, presidente do Sindicato das Empresas de Turismo do DF, são basicamente a regulamentação detalhada da profissão e a intervenção na constituinte com relação a uma maior definição política da atividade turística, como elemento gerador de divisas para o país.

O responsável oficial pela política do turismo em Brasília é o Departamento de Turismo do GDF — Detur, que tem como principal função, a coordenação, planejamento e fiscalização do setor.

Opções

A região do entorno, também chamada de geoeconômica, apresenta um grande potencial turístico para Brasília, tendo como principais atrações, os recursos naturais como: a cascata e área de camping do Pipiripau, a 11 Km de Planaltina; o salto do Itiquira, o maior do Brasil, com 158 metros de queda livre, a 70 Km de Brasília, no município de Formosa-GO; a cachoeira de Cristalina, com entrada no Km 104 da BR-040.

Brasília—Belo Horizonte; o grande «Canyon», desnível de 450 metros (com mirante de 625 metros) com vista para o vale do Paraná em Formosa-GO; a chachoeira da Saia Velha, local da primeira hidrelétrica de Brasília, com acesso próximo ao monumento Solarius (presente da França ao Brasil) na BR-040, na altura das antenas da Embratel; as grutas de Tamboril (a 160 Km de Brasília pela estrada de Unai-GO); o salto de Corumbá-GO; a pedra do Chapéu e a lagoa de Formosa-GO.

As áreas de camping também são opções turísticas para Brasília, num total de quatro: a do Parque Nacional; o Camping de Brasília, próxima ao Setor de Garagens Oficiais; a do Camping Clube do Brasil em Itiquira e a do ABC do Brasil Club no Km 19 da BR-040.

Em síntese, Brasília apresenta uma grande capacidade para um maior investimento no mercado turístico, pois sua localização é ponto de ligação entre as diversas regiões brasileiras, e sua infraestrutura é uma das melhores do mundo para o recebimento de turistas. Cabe agora às empresas do setor, promover pacotes acessíveis para o brasileiro em geral.

MEIO-DIA DE ESPORTE NO C.O.

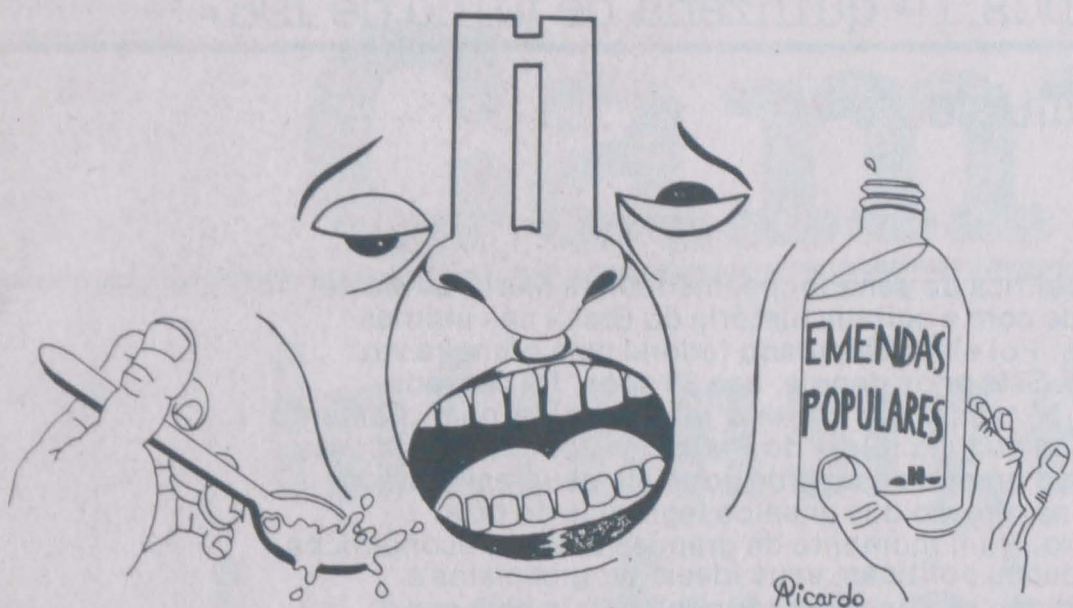
A Associação Atlética da UnB (AAAUnB) está promovendo grandes jogadas. De 12 às 14 horas você pode ter aulas dos mais variados esportes. Entre em contato com a AAAUnB, lá mesmo no C.O. Para se inscrever você não tem só meio-dia, mas o dia todo, de segunda a sábado. Venha participar.

ATIVIDADE	DIAS	HORÁRIO	PROFESSOR
Musculação	2ª a 6ª	12h às 14h	Paulo Menescal
Karatê	2ª a 6ª	12h às 13h	André Wellington
Ginástica	2ª a 6ª	12h às 13h	Regina Leonardo
Canoa	3ª e 5ª	12h às 13h	Celma Gilson
Natação A	3ª e 5ª	12h às 12:45h	Gilson
Natação B	3ª e 5ª	12:45h às 13:30h	Gilson
Natação C	3ª e 5ª	12h às 13h	Flávio
Natação D	3ª e 5ª	12h às 14h	Gerardo
Polo aquático	2ª a 6ª	12h às 14h	Eliane/Gilson
Judo	2ª a 6ª	12h às 14h	Marcelo/Edson
Voleibol	2ª a 6ª		
Basquete	2ª a 6ª		
Taxa de inscrição:	100 cruzados		

C.O.

centro olímpico

Constituinte



As novas medidas de segurança do Congresso Nacional fizeram com que a chamada Casa do Povo não fosse mais tão dele. Com o acesso restrito, a população busca alternativas de participação nos trabalhos da Constituinte por meio das propostas de emendas populares, uma forma de garantir o seu lugar de direito no processo de democratização do País. Na UnB, a professora Isaura Belloni fica à frente de uma das entidades responsáveis pela coleta de assinaturas e sugere que se faça um mutirão para colher o maior número possível, por meio de bancas espalhadas com cartazes do tipo "Assine aqui".

Emendas populares o povo na Constituição

Raquel Flores
André Camargo

"Constituição sem povo, não muda nada de novo". Essa é a palavra de ordem da atual fase da Assembleia Nacional Constituinte, quando entidades de todo o país mobilizam-se em torno da coleta de assinaturas para as emendas populares. Para uma proposta de emenda popular são necessárias no mínimo 30 mil assinaturas e quem ainda não assinou nenhuma emenda popular tem até o dia 15 de agosto para fazê-lo.

Esta é a primeira vez em toda a história constitucional brasileira que o povo tem a oportunidade de participar da elaboração da Carta Magna, mas até agora muita gente não assinou nenhuma proposta de emenda e outros ainda nem sabem do que se trata direito.

Campanha Nacional

Com o objetivo de esquentar a mobilização popular, foi lançada a Campanha Nacional de Apoio às Emendas Populares, por vários partidos políticos e 63 entidades representativas da população — CUT, CGT, CONAM, e outras. Na programação da Campanha está previsto o Dia Nacional de Entrega Unitária das Emendas de Iniciativa Popular — dia 12 de agosto —, coincidindo com o provável dia de paralisação nacional proposto pela CUT. A finalidade desta dia é "parar o país para reivindicar", de acordo com o ex-deputado João Gilberto, secretário-executivo do Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte (CEAC), órgão da UnB que está dando apoio às entidades responsáveis pelas emendas populares.

O secretário executivo do CEAC diz que não se pode prever quais emendas serão aprovadas, pois isto vai depender dos votos dos 559 constituintes. Ele acha que, para evitar que as pessoas pensem que não precisam mais assinar uma emenda tal, nenhuma entidade vai confessar o número de assinaturas já obtidas, visto que uma emenda com 500 mil assinaturas tem um peso

político muito maior que outra com apenas o mínimo exigido: "O Constituinte que votar contra ela, estará votando contra 500 mil eleitores", conclui João Gilberto.

PT

A história das emendas populares deve muito ao Partido dos Trabalhadores. Por acreditar que a mobilização popular é a chave das possíveis vitórias na Constituinte, o PT encampou uma luta regimental no início dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte no sentido de abrir "brechas" para a participação popular na elaboração da Constituição, conforme explicou o deputado Luiz Inácio "Lula" da Silva ao apresentar o Manual da Constituinte do PT em abril deste ano.

Articulado com os movimentos de base e os plenários pró-participação popular na Constituinte, estes últimos iniciados em São Paulo com uma notável força, o PT encaminhou a proposta de inclusão de emendas populares ao Projeto da Constituição encaminhadas por entidades associativas.

Democratização

A emenda popular que anda pelos corredores da UnB e defende o ensino público e gratuito para todo cidadão tem por carro-chefe o Fórum da Educação na Constituinte, uma organização que congrega 15 entidades envolvidas na luta pela democratização do acesso à educação no Brasil.

"Repito: O trabalho do Fórum não é só colher assinaturas, mas principalmente conscientizar a população da necessidade de melhoria e ampliação da educação", enfatizou a professora da Faculdade de Educação, Isaura Belloni, representante de uma das entidades do Fórum. Segundo ela, a mobilização dos estudantes da UnB ainda está insuficiente e pequena em função da causa que a emenda do ensino defende: "Os alunos têm um compromisso político de levar às outras pessoas o benefício de uma escola gratuita da qual eles desfrutam", finaliza a professora.

Muda o esquema de segurança



Adriana Vasconcelos
Ana Helena Rossi

Após um período em que o povo teve livre acesso às votações nas Comissões Temáticas e possibilidade de manifestar suas ideias, novas medidas de segurança serão inseridas na rotina do Congresso Nacional. Encarregado pelo próprio deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), Jorge Arbage (PDS-PA) 2º vice-presidente da Constituinte, propõe um novo quadro de segurança, que visa, principalmente, limitar o acesso popular às galerias durante a votação do anteprojeto da Comissão de Sistematização.

Com a possibilidade de só poder ocupar 1/3 dos 935 lugares das galerias do plenário da Câmara, os populares ainda terão de lutar por uma senha diária junto às lideranças partidárias, que as receberão proporcionalmente a sua representatividade no Congresso. Porém, não terminam aí as medidas que impedem a população de ocupar a chamada Casa do Povo. Jorge Arbage afirmou que o povo só terá acesso ao Salão Negro da entrada do Congresso, pois os Salões Azul e Verde serão reservados exclusivamente aos constituintes e aos jornalistas. Arbage concluiu dizendo: "O temor maior dos responsáveis pela segurança é que numa exaltação dos populares, constituintes ou mesmo os jornalistas sejam agredidos".

Critérios

Os critérios para o acesso popular ao Salão Negro não foram ainda definidos. Se estes critérios seguirem os passos do atual, apenas os "tipos suspeitos" deverão ser barrados e se necessário revistados.

A definição desse tipo suspeito é muito vaga. Segundo o chefe de segurança do Congresso, Fernando Paulucci, existem suspeitos e suspeitos. Ele tentou ser mais claro ao dar um exemplo. "Outro dia esteve aqui

um ex-presidiário. Ele estava bem arrumado, pedia dinheiro e emprego. Onde está escrito que ele é um ex-presidiário?"

Ao longo da história do Congresso são encontrados casos que confirmam o controle seletivo da população que vem e que vai. Hudson Cunha, assessor técnico da Câmara, aponta dois tipos básicos de discriminação: a social e a racial. O resultado dessa discriminação pode chegar até ações ilegais e violentas. Hudson afirmou que ele já foi vítima desse sistema. "Fui preso por um segurança da Casa durante 30 minutos numa sala de interrogatório". Outro caso notório foi a violência sofrida por Francisco das Chagas Sousa Matos, conhecido por Chico Piauí, da Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado. Chico contou que foi encaminhado à mesma sala e, ali, agredido verbal e fisicamente, chegando a fraturar um dos braços. Segundo ele, tudo começou por estar usando uma boina com as cores da cultura negra.

Regimento

Segundo o regimento interno da Câmara dos Deputados, o policiamento do edifício compete à polícia privativa ou, na falta dela, à força pública e aos agentes da polícia comum, requisitados do Executivo. Atualmente, existem 170 agentes de segurança legislativa, conforme regulamentação do ato da Mesa nº 53 de 5 de março de 1985. Segundo Jorge Arbage, este número pode aumentar nos próximos dias com as votações na Comissão de Sistematização.

Fernando Paulucci explica que os agentes do Congresso não andam armados, e por se mostrarem vulneráveis, às vezes, chegam a ser agredidos ou destratados: "Controlar a segurança de uma Casa política é uma tarefa árdua, pois é preciso muita sensibilidade para abordar um cidadão".

A VEDETE DA
SBPC



Humanidades

A VEDETE DA SBPC

De cara nova a cada três meses, ela dá um show de competência, criatividade e talento. Diferente, sem badalação, com charme e inteligência está fazendo a cabeça de muita gente boa por aí. De formação intelectual sólida, sensível aos questionamentos e inquietações do homem, traz na retaguarda de produção uma equipe de peso, sempre pronta para o que der e vier.

E para conhecê-la melhor, nesta semana de debates, você tem à sua disposição uma equipe de alunos responsável pela assinatura.

Leia e assine Humanidades, uma revista que pensa, como você.

Editora Universidade de Brasília

Constituinte

A vida política do senador peemedebista Mário Covas se confunde com a agitada história do Brasil nas últimas décadas. Foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1963. Seis anos depois, aos 39 anos, foi cassado pelo AI-5, tendo sua carreira interrompida num momento dramático do País. Líder do PMDB na Constituinte, Covas enfrenta o grande desafio de conduzir seu fragmentado partido na direção dos anseios legítimos do povo brasileiro. Num momento de grandes dilemas econômicos e ansiedades políticas, seus ideais progressistas e caráter digno são antídotos fundamentais para que a nova Carta não seja apenas mais um pacto de elites.

ENTREVISTA

MÁRIO COVAS

O político certo das horas incertas

Ricardo Miranda Filho

Mário Covas, 57 anos, é hoje uma das lideranças políticas de maior destaque no panorama nacional. Do jovem engenheiro santista ao político mais votado em toda a história brasileira, com quase 8 milhões de votos, construiu uma biografia coerente e respeitável. Foi deputado federal duas vezes, entre 1963 e 1969, quando teve sua carreira interrompida pelo autoritarismo do AI-5. A defesa das liberdades parlamentares lhe valeu a cassação do mandato por quase dez anos. Em 1983 voltou à Câmara dos Deputados. Aceitou o desafio de governar a cidade de São Paulo e foi golpado pela proibição de concorrer à eleição direta para prefeito em 1983, o que resultou na vitória de Jânio Quadros.

Símbolo do MDB dos tempos heróicos e grande orador, venceu a disputa pela liderança do partido na Constituinte e injetou ânimo novo em um PMDB inchado de fisiologistas e oportunistas. Porta-voz das posições progressistas, tem sido criticado pelos conservadores por defender eleições diretas no próximo ano. A candidatura Covas à Presidência da República já foi, inclusive, lançada pelo atual governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello.

Nesta entrevista exclusiva ao Campus, o senador Mário Covas fala de vários temas recentes, como os tumultos no Rio de Janeiro, a presença dos militares na política e os rumos da Constituinte.

Campus: Como o senhor vê a batalha ideológica dentro da Constituinte? O texto final vai ser conservador ou progressista?

Covas: Não se pode ter uma definição tão simples assim. Acho que vamos ter uma Constituição que vai representar mais ou menos a média da opinião dos constituintes. Talvez isso não seja igual à correlação de forças em termos numéricos nesse país, mas é razoavelmente proporcional à correlação real de forças existentes no país. O trabalho nessa fase de comissões mostrou que algumas delas, por sua composição, ficaram com uma conformação mais atrasada. Outras mais avançadas. No final se terá uma média dessas opiniões.

A opinião do ministro do Exército tem para mim a mesma influência que a colocação de qualquer outro brasileiro. Nosso compromisso é com o povo

Campus: Na elaboração da nova Carta, qual é a importância da participação popular? Qual é o limite das pressões? Deve haver alguma restrição à atuação das galerias?

Covas: Eu acho que a restrição é a restrição da educação. A restrição do comportamento civilizado. A presença é perfeitamente legítima e uma das características da Constituinte até agora foi a intensa participação popular. Eu me lembro que o relator da subcomissão de Educação me dizia ao apresentar seu trabalho que durante os 45 dias tinha ouvido 78 pessoas, do ministro da Educação até camponeses. Isso é muito positivo. A partir da chegada do projeto em plenário nós teremos também uma participação mais nítida, que é aquela através dos projetos originários de 30 mil assinaturas.

Campus: No Brasil, há uma grande distância entre teoria e prática. O senador Pompeu de Sousa (PMDB-DF) disse, inclusive, que o brasileiro vive muito mais das idealidades que das realidades. Como solucionar esse

problema? Mesmo boa, a Carta pode não ser cumprida?

Covas: Isso já aconteceu no passado. Se você imagina que a construção desse país se vai fazer com aquilo que se escrever na Constituição... E, quanto mais casuística ela for, mais dificuldade ela encontrará entre a teoria e a prática.

Campus: Qual é o tamanho ideal da nova Carta?

Covas: No meu entender a nova Carta deveria ser circunscrita à fixação do sistema de governo e do espírito do espaço de liberdade no qual a cidadania se desenvolvesse. Em outras palavras, eu passaria da fase da Constituição de 46, uma Constituição de conteúdo representativo, para uma Constituição de conteúdo participativo.

Campus: As leis ordinárias...

Covas: As coisas nesse país acontecem muito rapidamente e na medida em que você as situa dentro da Constituição, faz com que ela envelheça com muita rapidez. Eu faria uma Constituição bem mais circunscrita. Regas de natureza econômica, social e de outra

Retrocesso e golpe são palavras apagadas do meu dicionário. Embora hajam pessoas incompatíveis com a democracia, não vejo chance de golpe

ordem eu consideraria em princípios muito gerais. Não mais do que isso. Eu definiria os espaços de liberdade dentro dos quais os movimentos sociais, as várias forças da sociedade pudessem se mover na sua luta democrática para construir, num processo dinâmico permanente, as características de natureza social, econômica, etc.

Campus: Os ministros militares têm opinado freqüentemente sobre a atuação da Constituinte, como nas questões de ordem social e na anistia aos militares cassados pelos atos institucionais. Essa interferência pode prejudicar os trabalhos da Constituinte?

Covas: O Ministro do Exército fez uma afirmação, e eu até diria com um certo cuidado, resguardando que a Constituinte cabe a última palavra a esse respeito. Manifestou a sua opinião enquanto Ministro. Não vejo nenhuma razão pela qual ele não possa dar uma opinião de natureza política, enquanto Ministro. Posso discordar da colocação dele. Ela para mim tem a mesma influência que a colocação de qualquer outro brasileiro, com a gradação pelo cargo político que ocupa. Mas eu acho que a rigor isso não define o que a Constituinte vai fazer. A Constituinte é soberana e tem a sua legitimidade e suas prerrogativas nascidas do fato de que aqui chegamos pela vontade popular. E é com essa vontade popular que nós temos compromissos.

Campus: O senhor teme alguma espécie de retrocesso?

Covas: Retrocesso, golpe... são palavras que o meu dicionário resolveu apagar. O povo brasileiro resolveu fazer democracia, vai fazer democracia e não vejo, embora aqui ou ali você possa encontrar algumas pessoas absolutamente incompatíveis com o regime democrático... Mas a grande maioria do povo brasileiro deseja democracia e nós vamos ter democracia. De forma que é até bom nem falar nessa palavra "golpe". Acho que isso é algo totalmente afastado da possibilidade que a nação vive nesse momento.

Campus: O PMDB é maioria nessa Constituinte, mas abriga as mais variadas tendências ideológicas. Qual a importância da convenção do partido (dias 17 e 18 de julho)? É possível que haja uma reforma partidária depois da promulgação da Constituição?

Covas: Eu não tenho nenhuma dúvida de que haverá uma reforma partidária depois da Constituinte. Não no sentido de que se determine a criação de outros partidos ou extinga os existentes. Mas acho que vai haver um fluxo, uma migração

de elementos pertencentes a determinados partidos para outros ou até para partidos que ainda não existem hoje. Necessariamente o PMDB será atingido por isso. E isso não é mal não. Isso vai fazer o partido emagrecer, o que não deixa ninguém mais fraco, mas mais forte. Eu não acho que os partidos devam ser ideologicamente estreitos. No Brasil, um país muito diverso na sua paisagem social, cultural, econômica, política, um partido que seja nacional reflete isso internamente, necessariamente. Portanto, ele acaba tendo um leque, um intervalo razoável. Ao fazer a Constituição, se não se buscarem resultantes para a vontade comum, surgem problemas. O que eu pretendo que se retire dessa convenção é exatamente definições a respeito de problemas concretos. Por exemplo, não cabe mais perguntar ao PMDB se ele é a favor da

reforma agrária ou não. Cabe é definir entre quatro ou cinco alternativas qual é aquela que o PMDB quer. Porque a partir daí, mesmo que haja defecções, o PMDB terá uma posição que os peemedebistas poderão defender.

Campus: O senhor concorda que hoje há uma descrença popular na classe política?

Covas: Eu concordo. Concordo que há descrença popular numa série de coisas, entre as quais os políticos se incluem também. Não creio que haja uma localização específica da descrença popular nos políticos. Nós vivemos um instante, sobretudo do ponto de vista de comparação, muito negativo. Nós vivemos o ano passado, um instante de muita euforia. Na minha vida política eu nunca assisti um período — de oito, dez meses no decorrer do ano passado — em que salários e preços mantiveram uma

certa estabilidade. E isso criou uma expectativa, que ao ser frustrada no desempenho desse ano, pelo efeito demonstração, se torna

Este País não tem que tirar do baú instrumento do entulho autoritário. Até simbolicamente a LSN é ultrapassada e sua aplicação é um erro

mais negativa. E isso até gerou alguns sentimentos por parte do povo brasileiro que normalmente não existem. Eu sinto o povo hoje um pouco ressentido. É uma característica que não fazia parte de sua personalidade.

Campus: Sobre os recentes dis-

túrbios que aconteceram no Rio de Janeiro. Agiram grupos organizados ou foi descontentamento popular mesmo? E a aplicação da Lei de Segurança Nacional (LSN)?

Covas: Foram dois episódios diferentes. O episódio da eventual... suposta... real agressão ao Presidente da República, que é um episódio condenado por toda a Nação, não há quem concorde com a violência, foi um ato isolado. Absolutamente isolado, de alguém que de forma translocada, individualmente, adotou aquela posição. Acho que é condenável. E acho que esse país tem justiça e legislação comum suficiente para julgar quem tenha cometido esse ato.

Campus: ...E a aplicação da LSN?

Covas: Exatamente. Esse país não tem que tirar do baú um instrumento do entulho autoritário para aplicar contra quem quer que seja. Acho que até simbolicamente a Lei de Segurança é algo totalmente ultrapassada e não carece de ser aplicada. Acho que é um erro. O outro fato, nasceu, no meu modo de entender, de uma decisão, ainda que judicial, mas contestável, que aumenta o transporte coletivo, talvez o índice que mais diretamente atinja os mais carentes. A partir daí, se você imagina que existe um certo caldo de cultura de instabilidade popular, um acontecimento como esse poderia acontecer lá ou em outro lugar qualquer.

Campus: Em relação à questão da Educação. Como deve ser tratada a verba pública para o setor? Qual a função da universidade no país?

Covas: Eu sou muito favorável a que o recurso público fique circunscrito à escola pública. E acho que o primeiro cuidado com relação à educação tem de ser 1º e 2º graus. Eu me lembro quando eu fiz vestibular na Escola Politécnica, em São Paulo, em 1950. Naquele tempo tradicionalmente conseguiam vagas os alunos que vinham das escolas públicas. Hoje tradicionalmente o aluno que vem do 1º e 2º graus da escola pública não tem vez na escola pública superior. Esta fica destinada àquele que vem da escola privada, enquanto quem vem da escola pública, no máximo, consegue fazer escola superior à noite, trabalhando e pagando. É uma deformação e a modificação desse mecanismo tem de começar lá embaixo. A ênfase tem de ser absoluta nessa área. E no dia que isso acontecer lá embaixo, necessariamente é o dia em que vai pender lá em cima. A universidade, por sua vez, tem de retomar a característica que ela teve no passado.

A universidade era o grande laboratório onde se discutia as mudanças sociais. Esse conteúdo foi retirado ao longo desses vinte anos...

Na minha época de universitário, a universidade era, além do lugar onde se formava profissionalmente as pessoas, o grande laboratório onde se discutia as mudanças sociais. Onde se discutia a sociedade. Esse conteúdo foi retirado da universidade ao longo desses 20 anos. O que se disse foi mais ou menos o seguinte: 'Isto aqui fora é uma selva. Trata de estudar em vez de se preparar melhor, para vencer economicamente aqui fora.' Isso retirou da universidade exatamente o que ela tinha de melhor, o que ela tinha de mais positivo. A contrapartida ao fato da sociedade a sustentar. A universidade era o grande laboratório onde se discutia a própria vida da sociedade. As próprias mudanças sociais. E me parece que ela tem de paulatinamente recuperar essa função, sem perder as suas características pedagógicas, de formação profissional, etc.

